

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MARTHA WATTS:
UM OLHAR SOBRE O BRASIL**

LILIAN SARAT DE OLIVEIRA

PIRACICABA, SP

2006

**MARTHA WATTS:
UM OLHAR SOBRE O BRASIL**

LILIAN SARAT DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientador: Prof. Dr. Ademir Gebara.

PIRACICABA, SP

2006

Oliveira , Lilian Sarat de.

Martha Watts: Um olhar sobre o Brasil Piracicaba, 2004.

p. 76

Orientador: Prof. Dr. Ademir Gebara.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Direito – Universidade Metodista de Piracicaba

1- Educação. 2 –Representação. 3 -civilidade.

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARTHA WATTS: UM OLHAR SOBRE O BRASIL

LILIAN SARAT DE OLIVEIRA

Apresenta a Tese à
Banca Examinadora.

Piracicaba,____, ____, 2006

Prof. Dr. Ademir Gebara (Orientador)

Prof.Dr. Elias Boaventura

Profa. Dr. Luis Francisco Miranda

Prof. Dr. Marcelo Weishaupt Proni

*Para Magda, a quem carinhosamente chamo de
Gulay, sempre presente na minha existência.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Ademir Gebara. À Unimep e aos seus professores, professoras e funcionários. À minha família. Aos meus amigos e amigas, especialmente a Clau amiga de longa data. Ao amor do meu momento Fer pela sua companhia carinhosa. A todos e todas que, de algum modo estiveram ao meu lado neste tempo de pesquisa. E é claro a Deus (supondo a sua existência).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES – Brasil”.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq - Brasil”.

RESUMO

O Brasil em fins do século XIX, recebeu em seus portos diversos estrangeiros de várias nacionalidades, entre eles estavam os americanos. Muitos destes estrangeiros eram missionários protestantes que acalentavam em seus sonhos a possibilidade de evangelizar o Brasil, já que o mesmo era um país católico, e, por isso visto por estes, como um campo fértil para disseminação de suas idéias religiosas. Miss. Martha Watts fez parte destes grupos de estrangeiros protestantes que aqui vieram, com o objetivo claro de evangelizar o país através da educação. Sua história nos é contada, principalmente, através de cartas enviadas por ela aos Estados Unidos para informar as mulheres metodistas que sustentavam a missão, sobre o seu trabalho. Nestas cartas podemos observar a representação de uma educadora estrangeira do Brasil no século XIX. Deste modo a presente pesquisa busca analisar através do conceito de representação a imagem construída por esta estrangeira do nosso país, através de suas missivas que nos trazem informações de temas variados como: religião, costumes, educação, escravidão, mulheres e também sobre a cidade de Piracicaba, lugar escolhido pela Igreja Metodista do Sul dos Estados Unidos para a abertura do Colégio Metodista conhecido até os nossos dias como Piracicabano, embrião da Universidade Metodista de Piracicaba. Miss Martha Watts através da educação procurou levar aos brasileiros, os pressupostos da fé protestante, a saída para um país que em sua visão, vivia nas trevas da ignorância por ser católico e idólatra. Por isso abriu várias escolas, tanto em Piracicaba, quanto no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Juiz de Fora. Pensava ela que evangelizando o país este poderia se tornar civilizado e a educação era a sua principal arma para isso. Nesta tarefa incansável ela produziu sua própria representação de Brasil, implícita em suas cartas. Em sua visão o Brasil era um país atrasado, idólatra e por isso não civilizado. Deste modo a solução estaria na religião protestante e num sistema de educação moderno, tendo como base a Bíblia. Suas cartas nos demonstraram sua militância e engajamento nesta causa missionária e sua estratégia para alcançar o coração e mentes dos brasileiros foram a religião e a educação: pilares da educação Metodista no Brasil do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, representação, civilidade.

ABSTRACT

At the end of the XIX century, Brazil received through its many ports foreigners from various countries including Americans. Many of these foreigners were protestant missionaries who dreamed of the possibility of evangelizing Brazil, a Catholic country which they saw as fertile ground for disseminating their religious ideas. Miss Martha Watts was part of this group of protestant foreigners who came here with the clear objective of evangelizing the country through education. Her story is told us primarily through letters sent to the United States to inform the Methodist women who supported the mission of her work. In these letters we can observe the representation of a foreign educator in Brazil in the XIX century. The present research analyzes through the concept of representation the image built by this foreigner of our country, through her letters that offer information on several topics such as: religion, customs, education, slavery, and women. It also tells us about the city of Piracicaba, the place chosen by the Methodist Church South of the United States for the opening of the Methodist School, known until now as the Piracicabano, embryo of the Methodist University of Piracicaba. Through education, Miss Martha Watts attempted to bring to Brazilians the principles of protestant faith, which in her perspective was the way out for a country which lived in ignorance due to Catholicism and idolatry. For this reason, many schools were opened in Piracicaba as well as in Rio de Janeiro, Belo Horizonte and Juiz de Fora. She thought that by evangelizing the country it would become civilized and education was her principal weapon. Within this untiring task, she produced her own representation of Brazil, implicit in her letters. In her perspective, Brazil was a backward, idolatrous, uncivilized country. For this reason the solution was in the protestant religion and in a modern educational system with a basis in the Bible. Her letters show us her militancy and dedication to this missionary cause and her strategy for reaching the hearts and minds of the Brazilians was religion and education: pillars of Methodist education in Brazil in the XIX century.

KEYWORDS: Education, representation, civility.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	8
<u>1. O PROTESTANTISMO NO BRASIL – SÉCULO XIX</u>	11
<u>1.1 O Metodismo no Brasil</u>	14
<u>1.2 Educação como estratégia missionária do Metodismo no Brasil</u>	19
<u>2. REPRESENTAÇÃO DE BRASIL NAS CARTAS DE MARTHA WATTS</u>	24
<u>2.1 Quem era Martha Watts?</u>	27
<u>2.2 O que nos representam suas cartas</u>	30
<u>2.3 Martha Watts e a religiosidade brasileira</u>	32
<u>2.4 Martha Watts e os costumes dos brasileiros</u>	44
<u>2.5 Martha Watts e a cidade de Piracicaba</u>	48
<u>2.6 Martha Watts e a Educação</u>	51
<u>2.7 Martha Watts e o drama da escravidão</u>	60
<u>3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCADORA MARTHA WATTS</u>	62
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	67
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA</u>	70

INTRODUÇÃO

Para analisarmos as cartas da Miss. Martha Watts, antes de tudo foi preciso lê-las não uma ou duas vezes, mas todos os dias, como um livro devocional diário, não que as mesmas sejam tal livro ou tenham sido escritas com tal objetivo, mas lê-las constantemente foi uma tentativa de absorção do seu conteúdo, tentando entrar ao menos por intuição nas palavras ali escritas. Afinal as palavras possuem acima de tudo um conteúdo que faz sentido as pessoas daquela época, carregadas com suas crenças, emoções, medos, angústias, esperanças etc. Como afirma Bourdier (1982) “*A palavra concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que o enuncia e pretende agir sobre o real, agindo sobre a representação deste real*”.

Deste modo, por intermédio das cartas da educadora, queremos buscar nas palavras ali reproduzidas a representação de Brasil, ou seja, a percepção de uma educadora estrangeira da realidade brasileira no final do XIX que através de suas práticas e representações construiu estratégias para transmitir a sua clientela o ideário protestante de civilização e cultura. A idéia é buscar compreender as representações desta educadora estrangeira, que veio ao Brasil como missionária, para que através do magistério pudesse alcançar os corações e mentes de um povo, que segundo ela, vivia na escuridão da ignorância, da superstição, do atraso, por serem de uma outra confissão religiosa, que não a protestante.

Suas palavras escritas expressavam o seu desejo de levar “o verdadeiro evangelho” aos brasileiros, a luz para iluminar as trevas em que vivia o país. “*Deus garantirá que vivamos de sua luz, que eles também receberão de nós!*”¹ (p.25). A sua afirmação nos indica o ideal americano de sociedade: um povo cristianizado, evangelizado e iluminado pelo protestantismo. Tal evangelização promoveria a civilidade, que na concepção da educadora só seria possível através da religião e educação; pilares da missão metodista no Brasil.

Para obtermos as informações necessárias na análise da representação de Brasil para Martha Watts, lançaremos mão da documentação traduzida pela Dra. Zuleika Mesquita, as cartas escritas entre o ano de 1881 a 1908 pela educadora e enviada aos Estados Unidos como relatórios de suas atividades missionárias no Brasil.

¹ Os trechos das cartas citados no decorrer do texto estarão em itálico com suas respectivas páginas e poderão ser encontradas na seguinte referência: MESQUITA, Zuleika. *Evangelizar e Civilizar: Cartas de Martha Watts, 1881-1908*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.

A idéia de representação que apreendemos no decorrer da pesquisa, e que nos propomos a pensar na análise da nossa fonte, parte do pressuposto de Roger Chartier que compreende a cultura como práticas que constroem o mundo como representação.

Representação: Decifrar de outro modo as sociedades, penetrando nos meados das relações e das tensões que a constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver práticas ou estrutura que não seja produzida pelas representações contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é deles. (CHARTIER, 1991, p. 18)

E ainda como afirma Pierre Bourdier:

As representações mentais envolvem atos de apreciação, conhecimento e reconhecimento e constituem um campo onde os agentes sociais investem seus interesses e sua bagagem cultural. As representações objetivas, expressas em coisas e atos, são produto de estratégias de interesse e manipulação. Ou seja, nos domínios da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm um outro sentido além daquele manifesto. (BOURDIEU, 1982, p.135)

A maneira como Martha Watts se relacionou com o povo brasileiro e como ela representou em suas cartas o Brasil no final do século XIX, a partir destes pressupostos, nos leva a busca da compreensão das práticas e estratégias que a educadora formulou, a partir de uma visão etnocêntrica da realidade, para participar da teia social na qual ela estava envolvida. A realidade percebida por ela foi ao mesmo tempo concretude e representação. O real é antes de tudo representação

Para isso, optamos por analisar as cartas por temas, privilegiando aquelas que nos trazem informações sobre: religião, educação e costumes. Temas estes que legaram a educadora Martha Watts conflitos e tensões ao se deparar com um outro modo de viver, crer, sentir de uma outra cultura. Dentro destes temas, encontramos a sua representação da mulher, da escravidão, da sociedade de um modo geral.

No entanto, antes de nos debruçarmos sobre a tarefa de analisar as cartas como nos propomos anteriormente, julgamos interessante enriquecer o trabalho com informações sobre a inserção do protestantismo no Brasil, para que assim pudéssemos situar a educação metodista neste contexto, encontrando a nossa personagem principal Miss. Martha Watts, sendo esta a nossa tarefa no primeiro capítulo.

Entendemos que a tentativa no primeiro capítulo de indicar algumas informações históricas do período que estamos pesquisando, não se dá com o objetivo de construir um pano de fundo, para dar sentido a história da nossa personagem, mas apenas situar o leitor no tempo histórico que mergulhamos. As próprias cartas nos contam sobre este tempo, pois a riqueza de detalhes que a educadora produz nos remete inevitavelmente a um outro universo que tentamos apenas pontuar no primeiro capítulo.

No segundo capítulo, analisaremos efetivamente a nossa fonte e como já comentamos, separamos as cartas por temas que consideramos relevantes para este estudo. Dentro do tópico costumes nos deteremos em tentar perceber melhor a representação que Martha Watts tinha das mulheres brasileiras, tendo em vista que seu objetivo maior era alcançar essas mulheres, pois eram elas as transmissoras de cultura para os filhos, futuros cidadãos. Sobre isso ela comenta: *Acho um trabalho precioso educar as meninas para que elas saiam e ensinem seu próprio povo. (p.57)* Neste sentido, pensaremos sobre os aspectos da emancipação feminina a partir do que nos conta as suas cartas.

Por fim teceremos algumas considerações daquilo que apreendemos no decorrer do estudo, onde tentamos construir a nossa própria representação da educadora Martha Watts, tendo em vista que as coisas ditas e pensadas têm sempre um conteúdo ou sentido além do manifesto. Neste sentido, procuraremos demonstrar o processo de apreciação, conhecimento e reconhecimento do objeto investigado.

Acredito que esta pode ser uma aventura possível e, por isso, convido o leitor a viajar na minha maneira de ver a representação da Martha Watts no Brasil do século XIX, a sua representação da realidade social brasileira.

1. O PROTESTANTISMO NO BRASIL – SÉCULO XIX

A história de Martha Watts encontra-se registrada nas entrelinhas de uma história maior, que diz respeito à imigração americana no Brasil no final do século XIX, com a chegada do protestantismo às terras brasileiras.

Não temos a pretensão de contar toda esta história de imigração e protestantismo, mas apenas levantar alguns dados, que consideramos relevantes sobre a inserção do protestantismo no Brasil e também sobre a chegada dos metodistas, grupo na qual Martha fazia parte. Deste modo, neste capítulo discutiremos sobre este tema a fim de situarmos o leitor no tempo histórico em questão.

A missão protestante no Brasil teve dois momentos distintos. Sua primeira inserção foi de caráter imigratório, onde o protestantismo se instalou apenas com o intuito de dar assistência aos estrangeiros que vieram para o Brasil. Entre 1555 e 1560, chegaram os protestantes franceses ao Rio de Janeiro, e, entre 1630 e 1650, os holandeses se estabeleceram no Nordeste. (MENDONÇA, 1984).

Num segundo momento, de forma efetiva se instalou aqui o protestantismo missionário, em que se observa à chegada das Igrejas Congregacional, Presbiteriana, Metodista, Batista e Episcopal.

O protestantismo que chega ao Brasil, a partir dos anos de 1850, vem projetado pelo protestantismo norte americano, principalmente, os de origem missionária que trazem em seu bojo o ideário da religião civil norte americana. Segundo alguns pesquisadores² a sociedade brasileira encontrava-se num estágio de desenvolvimento significativamente anterior a sociedade americana, por isso a religião protestante, em muitos aspectos, foi vista como um meio de acesso ao progresso e a modernidade. Um dos fatores que impulsionou os estrangeiros a virem ao Brasil fazer missão, foi o que os historiadores chamam de Destino Manifesto. Sobre isso escreve Peri Mesquida:

Durante todo o século XIX e, particularmente, no processo de unificação da nação depois da Guerra de Secessão, difundiu-se nos Estados Unidos a idéia de que a religião e a civilização estavam unidas na visão da América Cristã e que a ação de Deus no mundo se

² Os pesquisadores a quem, me refiro fazem parte de algumas leituras da História do Protestantismo no Brasil os quais são: Peri Mesquida e Antônio Gouvea Mendonça, que serão citados ao longo do texto. As obras consultadas destes autores foram: “Hegemonia Norte-Americana e Educação Protestante no Brasil”, “O Celeste Porvir” e “Introdução ao Protestantismo no Brasil”

verificava por intermédio de povos especialmente escolhidos. (MESQUIDA, 1994, p. 103)

Mediante isso se espalhou uma concepção messiânica dos povos anglo-saxões, onde eles acreditavam ser o povo eleito, escolhido por Deus para levar ao mundo o ideal de uma civilização cristã rumo à perfeição. De acordo com uma perspectiva escatológica³, os protestantes cultivavam a crença da vinda do Reino de Deus. Para muitos pensadores e líderes religiosos da época “A vinda gloriosa do Reino se daria após a implantação da civilização cristã; por isso a cristianização da sociedade seria uma preparação para a vinda do Reino de Deus” (MENDONÇA, 1984).

Essa esperança escatológica uniu os diversos ramos protestantes, apesar de suas diferenças teológicas e doutrinárias, por isso eles se dispuseram a cooperar na reforma do mundo a partir de uma população religiosa, livre, letrada, industriosa, honesta e obediente às leis da sociedade civil.

Por isso não havia lugar onde os missionários não se fixassem. Segundo Bandeira (1978) “Os jesuítas fizeram o trabalho de catequese para os colonizadores portugueses, através da religião e do ensino. Os protestantes, para os americanos”.

Esta motivação faz surgir, no século XIX, nos Estados Unidos, as Sociedades Missionárias, criadas com o objetivo de evangelizar outros povos, que na visão dos protestantes faziam parte da massa que desconhecia a verdade do Reino de Deus.

A sociedade brasileira no fim do século XIX, ainda nos tempos imperiais, marcados pela escravidão, pela efervescência de novas teorias políticas, econômicas e sociais, recebeu dos imigrantes, dos missionários e educadores que aqui chegaram, entre eles Martha Watts, novas maneiras de pensar, de fazer religião e educação.

A nova mentalidade trazida por esses estrangeiros, entre eles educadores, chega primeiro através dos imigrantes europeus, vindos da Alemanha e Inglaterra e em seguida pela vinda dos missionários americanos os quais foram: congregacionais, presbiterianos, metodistas e batistas.

Estes protestantes tiveram as portas abertas no Brasil, pelo Tratado de Aliança e Amizade e de Livre Comércio e Navegação, firmado com a Inglaterra e estabelecido em 1810. Segundo Ribeiro:

O Artigo 9º do Tratado de Aliança dispunha: “Não se tendo até aqui estabelecido, ou reconhecido, no Brasil, a Inquisição ou Tribunal do Santo Ofício, Sua Alteza Real, o Príncipe Regente de Portugal, guiado

³ Termo teológico que significa o estudo do final dos tempos

por uma iluminada e liberal política, aproveita a oportunidade que lhe oferece o presente Tratado, para declarar espontaneamente, no seu próprio nome e no de seus herdeiros e sucessores, que a Inquisição não será, para o futuro, estabelecida nos meridionais domínios americanos da coroa de Portugal”.E os artigos 12 e 23 do Tratado de Comércio e Navegação declaravam, respectivamente: 1º) que os vassallos de S. M. Britânica residentes nos territórios e domínios portugueses não seriam perturbados, inquietados, perseguidos ou molestados por causa da sua religião, e teriam perfeita liberdade de consciência, bem como licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra do Todo-Poderoso Deus, quer dentro de suas casas particulares, quer nas suas igrejas e capelas, sob as únicas condições de que estas externamente se assemelhassem a casas de habitação, e também que o uso dos sinos lhes não fosse permitido para o fim de anunciarem publicamente as horas do serviço divino, e que os vassallos britânicos e quaisquer outros estrangeiros de comunhão diferente da religião dominante nos domínios de Portugal, não seriam perseguidos ou inquietados por matéria de consciência, tanto nas suas pessoas como nas suas propriedades, enquanto se conduzissem com ordem, decência e moralidade e de uma maneira conforme aos usos do País e ao seu estabelecimento religioso e político sendo-lhes vedado, entretanto, pregar ou declamar publicamente contra a religião católica ou procurar fazer prosélitos ou conversões; 2º) que seria permitida em Goa, e suas dependências, a livre tolerância de todas e quaisquer seitas religiosas” (RIBEIRO,1973, apud ACCIOLY)

Esses estrangeiros eram em sua maioria estudiosos e cientistas que vinham conhecer os trópicos do novo mundo. Muitos deles foram os responsáveis pela representação que outras nações fizeram do Brasil.

Os primeiros viajantes que aqui vieram tinham um objetivo comum de selecionar plantas e animais pra serem transportados para os centros de pesquisa dos Estados Unidos e Europa, e outros, como Daniel Kidder, vinham com o objetivo de distribuir bíblias para as pessoas. Kidder era de confissão protestante, metodista. Viajou pelo Brasil e produziu um texto que tornou-se referência para o conhecimento do país pelos americanos.⁴ Daniel Kidder inclusive sonhou com a educação para moças brasileiras, sonho que se concretizou com a abertura do Piracicabano por Martha Watts.

⁴Ele escreveu *Reminiscências de viagem e Permanência no Brasil* (Províncias do norte) e *Reminiscências de viagem e Permanência no Brasil* (Rio de Janeiro e Província de São Paulo). Posteriormente se juntou com James Fletcher e escreveu *O Brasil e os Brasileiros* que tornou-se um dos livros mais lidos pelos norte americanos sobre o Brasil. Embora Kidder tenha sua importância para a História do Metodismo no Brasil, não encontramos nenhuma referência que o ligasse a Miss. Martha Watts, pois o mesmo fazia parte da Igreja Metodista do Norte dos Estados Unidos e Martha veio da Igreja do Sul.

A vinda dos estrangeiros como podemos observar, por meio do Tratado da Amizade foi facilitada ainda, por D. Pedro I, que tinha interesse na mão-de-obra especializada dos povos mais desenvolvidos. Para que isso fosse possível, era preciso garantir a esses estrangeiros algumas facilidades, tais como: liberdade religiosa e escola para os seus filhos.

De acordo com Mesquita (1992) é possível afirmar que as condições que favoreceram a implantação do metodismo e do protestantismo no Brasil resumem-se assim: a) crescente influência econômica e ideológica norte-americana no cenário mundial; b) função modernizadora, representada pelas idéias educacionais protestantes; c) nova visão de mundo do espírito protestante, oferecendo novas perspectivas econômicas para uma faixa maior da população.

Isso significa que todo o ideário da filosofia liberal: democracia, liberdade individual, liberdade de expressão religiosa, livre exame da Bíblia, sacralização do trabalho, da honestidade e da eficiência, seriam os pilares da catequese protestante que vieram embasar todo o sistema pedagógico da educação metodista.

Com a proclamação da República a Igreja separou-se do Estado, fator que contribuiu para a inserção de outras confissões religiosas, estas tiveram a liberdade de se instalar no Brasil. Esse acontecimento provocou uma reação da Igreja Católica não só contra a religião protestante, mas também em relação às novas idéias, levando-os a intensificar o seu trabalho missionário junto aos brasileiros construindo mais escolas de confissão católica.

1.1 O METODISMO NO BRASIL

A Igreja Metodista se enquadrou na perspectiva messiânica difundida nos Estados Unidos no final do XIX. Os metodistas criam que entre os povos de língua inglesa os Estados Unidos era a civilização anglo-saxônica mais elevada. Eles também compartilhavam da idéia que o desenvolvimento econômico, que ocorrera, nos Estados Unidos, após a Guerra da Secessão, estava estreitamente ligado à vontade de Deus. O mesmo Deus que formou o povo escolhido de Israel, agora tinha escolhido os Estados Unidos para levar o ideário da religião protestante aos povos de confissão católica por isso considerados atrasados.

Segundo Mesquita (1994), as autoridades religiosas metodistas da América do Norte acreditavam que o progresso da ciência e da tecnologia, as reformas democráticas, a expansão da indústria e as obras filantrópicas eram produtos do aperfeiçoamento da civilização cristã e

sinais do advento do Reino de Deus. Nesse tempo, nos Estados Unidos, o metodismo marchava de mãos dadas com o sistema republicano de governo, que propunha o avanço e a modernidade.

Ainda sobre isso nos aponta Leonard (1952): a fé prática das Igrejas norte-americanas levou-as a um grande desenvolvimento das instituições pára-elesiásticas que ofereciam a vantagem de permitir uma propaganda indireta, contribuindo para a criação de uma civilização cristã senão à realização do Reino de Deus na terra, mais ou menos conscientemente identificado ao sistema econômico dos Estados Unidos. Essas instituições dizem respeito também às sociedades que foram formadas para desenvolver a missão protestante nos países menos desenvolvidos como o Brasil.

De acordo com os pesquisadores do protestantismo brasileiro, a obra metodista é essencialmente educativa não sendo possível separar a evangelização da educação. Sua evangelização e sua ação pedagógica possuíam dois aspectos: o proselitismo e a difusão de uma concepção de mundo própria à dominação. O objetivo de sua ação educativa era produzir um novo homem, crente e servidor fiel da nação (MESQUIDA, 1994, p. 114).

A inserção do Metodismo no Brasil se deu, por intermédio dos missionários Fountain Elliot Pitts, Justin Spaulding e Daniel P. Kidder, nos anos de 1835/1836.

Após observar o território brasileiro, Pitts manda relatórios aos Estados Unidos pedindo um missionário permanente, este deveria ter o perfil de um homem impregnado de idéias e valores americanos-metodista, equilibrado e respeitador da ordem estabelecida – um verdadeiro missionário-diplomata (MESQUIDA, 1994, p. 114).

O relatório de Pitts estimulou a Sociedade Missionária a enviar um obreiro ao Brasil. Em 1836 chega ao Rio de Janeiro o Pastor Justin Spaulding, que sem demora abriu uma Escola Dominical e em seguida uma escola onde a transmissão das idéias liberais contribuiu para penetração do metodismo na sociedade brasileira. Spaulding também solicitou a Igreja nos Estados Unidos que enviasse missionários para distribuição de Bíblias e professores. Deste modo, em 1836/37 chega ao Brasil Daniel Parish Kidder e um casal de professores, formando uma equipe inicial para a ação evangelizadora.

Esses missionários se estabeleceram no Rio de Janeiro. Esta primeira tentativa dos metodistas foi interrompida em 1841 por diversos fatores. Alguns historiadores atribuem o término da missão por causa da cisão da Igreja Metodista e problemas acarretados pela guerra civil. Duncan Reily nos aponta outros motivos:

As principais causas reais foram bem outra como os documentos abaixo deixam claro: 1) falta de pessoal missionário; 2) dificuldade de acesso direto ao povo brasileiro devido a superstições e limitação da liberdade religiosa; e 3) arrocho financeiro provocado pela depressão econômica nos Estados Unidos, o chamado “Pânico de 37”. (REILY, 1984, p.78)

O Metodismo no Brasil foi organizado pela Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos. No período da primeira inserção no Brasil e a segunda tentativa, a Igreja enfrentou vários problemas que acarretaram na cisão da mesma em 1844. Em 1846 foi criada a Igreja Episcopal do Sul, esta foi a responsável pela missão metodista no Brasil (KENNEDY, 1928).

Com as condições favoráveis, a vinda dos metodistas ao Brasil se deu novamente no ano de 1867, com a chegada do pastor Junius Newman.

O pregador Junius Newman veio com o intuito de acompanhar alguns imigrantes norte-americanos que após a guerra civil sentiram-se motivados a procurar espaço em outros países. Devido aos problemas causados pela guerra a Junta de Missões não possuía recursos para enviar este missionário ao Brasil, que veio com recursos próprios. Estes imigrantes americanos se fixaram na região de Saltinho, Limeira, Piracicaba, Santa Bárbara d'Oeste e Americana. Newman desempenhou seu papel como pregador atendendo aos imigrantes de diversas denominações, abrindo uma pequena igreja nesta região para atendimento aos estrangeiros.

Newman e sua família vieram para Piracicaba onde permaneceram por mais ou menos um ano, entre 1879-1880. Neste período as filhas de Newman, Annie e Mary organizaram uma escola, o “Colégio Newman”, considerado o embrião do Colégio Piracicabano.

Segundo Mesquita (1992): a família Newman ao fixar residência em Piracicaba, estabeleceu relacionamento com os irmãos Manoel e Prudente de Moraes, representantes da elite republicana e liberal da região. Este relacionamento seria apenas o início de uma aliança duradoura entre os metodistas e os liberais no Brasil.

Em 1876, a Junta de Missões da Igreja Metodista Episcopal Sul enviou um obreiro oficial, o Pastor John James Ranson. Os historiadores do Metodismo chamam esta segunda fase de “Missão Ranson”. Foi este missionário que organizou e estruturou a missão Metodista no Brasil. Ranson se empenhou em aprender a língua portuguesa para pregar no idioma local, com o intuito de não só assistir aos imigrantes, como fizera Newman, mas para alcançar também os brasileiros.

Embora tenha feito um amplo reconhecimento da Região Sul em busca do lugar para o estabelecimento da Igreja Metodista, após passar por Piracicaba, J. J. Ransom escolheu o Rio de Janeiro para o cumprimento da sua missão. Ao decidir-se pelo Rio de Janeiro alugou uma casa à Rua do Catete, 175 e em 13 de janeiro de 1878, iniciou o seu trabalho missionário em terras brasileiras.

A Missão Ransom é periodizada entre 1876-1886. Com o falecimento de sua esposa Annie Newman, filha do missionário Newman, Ransom volta aos Estados Unidos. Em 1881 ele retorna acompanhado por dois pastores e uma missionária: o Rev. James L. Kennedy, o Rev. J.W. Koger e a missionária e educadora Miss Martha Watts⁵, que tinha o objetivo de fundar uma escola metodista.

O Reverendo Ransom trabalhou por muito tempo no Rio de Janeiro inaugurando o templo da Igreja do Catete em 1882. Ele foi o responsável pela criação do Jornal Metodista Católico, importante periódico da Igreja, que nos dias de hoje chama-se “Expositor Cristão”.

A Missão Metodista ganhou outras partes do território brasileiro. Em 1883 se estabeleceu na capital paulista também por meio do Reverendo Ransom, que posteriormente designou Koger para dar continuidade ao trabalho. Ransom se tornou uma espécie de supervisor e viajava pelo Brasil acompanhando o trabalho que estava sendo feito por seus irmãos missionários.

A missão foi aberta também em Juiz de Fora em maio de 1884 pelo Rev. Kennedy. Este foi perseguido pelo padre local, chegando a ser apedrejado por meninos incitados por este padre.

Os metodistas no Brasil passaram por diversos problemas, principalmente por causa das doenças tropicais como a febre amarela, que vitimaram muitos destes missionários, além de outras restrições impostas pelo regime imperial apontadas por Zuleika Mesquita:

O catolicismo como religião oficial; a validade do casamento apenas na Igreja Católica, para efeitos legais; a proibição de se enterrarem mortos não católicos nos cemitérios públicos, que eram de propriedade da Igreja Católica; a proibição de se construírem templos não católicos com forma exterior de templo (torres, etc.) e, o mais grave, era que as propriedades metodistas não podiam ser registradas em nome da entidade, achando-se estas, assim em nome do Rev. Ransom. (MESQUITA, 1992 p.147)

⁵ No segundo capítulo falaremos mais sobre Martha Watts, pois estaremos analisando suas cartas, fonte primária da nossa pesquisa.

O metodismo chegou também no Sul do Brasil por intermédio do Dr. João Correia, médico brasileiro que residia no Uruguai e distribuía Bíblias por lá. O diferencial do Metodismo no Sul se dá pelo fato de que o mesmo foi iniciado pela Igreja Metodista Episcopal no Norte dos Estados Unidos. Lembrando que a Igreja foi dividida pós-guerra da secessão por divergências ideológicas no que diz respeito à escravidão.

O médico Dr. João Correia mudou com sua família para Porto Alegre, designado pelo Missionário Thomas Wood, da Igreja Metodista do Norte, para dar início ao trabalho metodista no Rio Grande do Sul. A missão teve início em setembro de 1885 em sua própria casa.

Carmem Chacon abriu uma escola que ao longo do tempo se estabeleceu com êxito: o Colégio Americano. Esse fato nos demonstra mais uma vez a intenção metodista, sempre atrelada à educação e à abertura de escolas.

O metodismo se espalhou pelo interior do Rio Grande do Sul, chegando a Santa Maria, Cachoeira, Uruguaiana, Santa Cruz, Passo Fundo, Cruz Alta, Rio Pardo.

Segundo Mesquita (1992): Até o ano de 1900 a Igreja gaúcha esteve ligada estruturalmente ao metodismo da Igreja do Norte dos Estados Unidos. Desse ano em diante, através de um acordo, a missão sulina incorporou-se à missão já implantada no Sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais), ficando sob a responsabilidade da Igreja do Sul dos Estados Unidos.

O metodismo chegou também ao Norte e Nordeste do Brasil ainda no século XIX, no ano de 1880. Esta missão foi iniciada pela Igreja do Norte dos Estados Unidos, que enviou o Rev. Justus Nelson acompanhado pela sua esposa e pelo Bispo Taylor que o ajudou a se instalar e criar uma escola, retornando aos Estados Unidos.

Em 1883 Justus organizou a primeira Igreja Metodista de Belém do Pará e também fundou um jornal evangélico, “O Apologista Cristão”.

Ainda de acordo com Mesquita (1992) a história da implantação do Metodismo no Brasil, a rigor, é a história do metodismo nas metrópoles do Sudeste, não obstante sua força rural nesta região.

É na região Sudeste, no final do século XIX que está pulsando as aspirações políticas e econômicas do país. No Vale do Paraíba que se fixou a fase inicial da economia baseada no café. Isso devido, principalmente, à proximidade da capital do Império, Rio de Janeiro, onde se concentrava o poder econômico e político necessário ao empreendimento.

É nessa região que vamos observar os primeiros efeitos da modernização na malha ferroviária, na infra-estrutura do Estado, no avanço dos esforços culturais, enfim, é possível

dizer que não é sem propósito que os Metodistas escolhem esta região para fixarem suas igrejas e escolas, pois aí está o pólo de desenvolvimento e lugar das pessoas portadoras de ideais liberais e republicanos. Neste lugar os metodistas encontraram um lugar fértil para propagação das suas idéias que atrelavam religião, educação e civilidade.

1.2 EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA MISSIONÁRIA DO METODISMO NO BRASIL

A educação como estratégia missionária esteve sempre presente na ação evangelizadora dos primeiros missionários metodistas que vieram ao Brasil. Como vimos acima, ao mesmo tempo em que os missionários abriam igrejas, abriam também escolas.

Após a guerra civil (1861-1865), as condições históricas nos Estados Unidos, voltaram a ser favoráveis ao Protestantismo, por isso os metodistas norte-americanos vão novamente se empenhar para se fazerem presentes em nosso País.

Assim, as escolas metodistas começam a ser implantadas no Brasil no final do século XIX e início do século XX, tendo a sua origem vinculada ao propósito da Igreja Metodista de realizar uma obra evangelística através do trabalho educacional. Tanto o surgimento quanto o estabelecimento das escolas metodistas estão diretamente ligados à estruturação da sociedade brasileira neste período, caracterizada pela presença dos ideais liberais.

Importante notar que as escolas metodistas nascem com uma estreita identificação com as classes média e alta da sociedade. Pode-se dizer que, de certa forma, a educação metodista veio atender as expectativas da burguesia emergente que buscava a transformação da sociedade, tendo a urbanização e industrialização como meta. O objetivo era um Brasil mais condizente com os ideais republicanos e modernos já em voga na América e Europa. Esta clientela almeja um sistema de ensino inovador com metodologia moderna, educadores especializados e instalações escolares de melhor nível para que o espírito democrático fosse apregoado e difundido, viabilizando a inserção do republicanismo no Brasil.

Nesse tempo houve uma contínua fundação de escolas ao mesmo tempo em que de igrejas. Segundo Mendonça (1984, p.97) as escolas pareceram ser um complemento das Igrejas.

Assim, juntamente com as igrejas a abertura de escolas se tornou uma constante, pois no contexto brasileiro o espaço tornou-se favorável devido uma busca de mudanças na visão

de educação. O que estava posto desde então, era um sistema escolar que apresentava algumas fraquezas e em muitos aspectos começavam a ser questionados. Para os protestantes o ensino católico, era mantenedor da ignorância e da superstição. A respeito disso escreve Rosa Gitana:

Na ótica dos protestantes, enquanto o ensino católico se caracterizava por ser tradicional, propedêutico, mantenedor dos espaços de ignorância e superstição das camadas da população que freqüentava os bancos escolares, condutor, portanto, de uma visão de mundo falsa e enganosa e que, por decorrência da censura a que submetia seus currículos, reforçava o atraso e o pouco desenvolvimento da nação, o ensino nas escolas protestantes sinalizava uma outra possibilidade com perspectiva político-educativa mais concordes com os ideais republicanos. (GITANA, 1998, p.153)

Com essa perspectiva de serem detentores das inovações e da possibilidade de fazer uma mudança na educação do país, tais protestantes, se lançam na segunda tentativa de inserção do protestantismo metodista no Brasil e a semelhança de outros grupos esta inserção se dá a partir do magistério feminino. São grupos de mulheres impulsionadas por um “ardor missionário” que chegam ao Brasil nos últimos trinta anos do século XIX. Dentre essas mulheres está Miss. Martha Watts, fundadora do Colégio Piracicabano (1881), São Paulo, e do Colégio Metodista de Petrópolis (1889) no Rio de Janeiro e ainda do Colégio Izabela Hendrix (1904) em Belo Horizonte.

A proposta de educação desse magistério feminino era um contraponto a educação tradicional brasileira, que segundo Mendonça (1984, p.100) se apresentava amedrontador e maçante em oposição ao ensino proposto por essas missionárias com seus novos métodos de ensino que garantia um ambiente mais maternal e acolhedor. Deste modo, a missão da escola metodista era promover um espaço que possibilitasse ao aluno/a se desvencilhar de um sistema de ensino intelectualizado, tradicional, autoritário e acadêmico, que não estava de acordo com os ideais de sociedade no final do século XIX. MENDONÇA (1984) aponta que “o sistema de cantarolar sílabas e a tabuada em coro foi substituído pelo método americano, intuitivo e silencioso, sem a excessiva memorização”.

O ensino e as práticas escolares trazidos pelos protestantes metodistas, vieram influenciados pela filosofia pragmatista dos filósofos do século XIX e XX. A educação erudita, influenciada pela religião católica, onde se dava ênfase ao latim e a história sagrada passa a dar lugar a uma educação prática voltada a produção do pensamento moderno e

baseada na reflexão e na produção do conhecimento a partir da ciência e da técnica, que pudessem influenciar diretamente a vida das pessoas transformando assim a sociedade.

Neste contexto, chega a Piracicaba a educação metodista trazendo uma proposta inovadora de ensino, condizente com a expectativa da ala progressista da sociedade, que sonhava com a modernização do país e com os ideais de progresso que já ocorrera nos Estados Unidos. As missionárias que aqui chegaram trouxeram este ideal de modernidade, de ordem e progresso, em acordo com o ideário do Destino Manifesto que pregava este caminho para a implantação do Reino de Deus na terra.

Martha Watts faz parte deste grupo de mulheres que após a guerra civil americana se viram com a responsabilidade de levar além das suas fronteiras a pregação do Evangelho e o modelo de sociedade considerado pelos protestantes ideal para todos os povos.

Sobre isso escreve Peri Mesquida:

As mulheres metodistas estavam convictas de que sua vocação consistia em transformar suas irmãs pagãs ou instruídas numa falsa religião em mulheres civilizadas e cristãs... Acreditavam também que somente a ação educativa poderia mudar os hábitos e o modo de vida das comunidades atrasadas.(MESQUIDA, 1994, p.147)

Nessa concepção de educação e religião encontra-se Martha Watts, ela chega ao Brasil em 1881, enviada pela Sociedade Missionária de Mulheres, atendendo um pedido de Prudente de Moraes e Manoel de Moraes, líderes do Partido Republicano e admiradores da ideologia liberal difundida nos Estados Unidos, que como já citamos possuía uma relação amistosa com a família de Newman. Tais líderes intentavam através dos protestantes implantarem a modernidade e os avanços obtidos na América do Norte. Assim, unindo os interesses desses políticos que ansiavam por uma transformação social com os interesses dos metodistas de propagar o Reino de Deus, Martha Watts começou seu trabalho evangelístico e educacional fundando o Colégio Piracicabano.

A missão de Martha Watts se caracterizou pela união constante da evangelização com a educação, pressupostos básicos na história da inserção Metodismo no Brasil. Segundo Ramalho (1976, p.75) *“o programa educativo é uma das primeiras e mais importantes expressões da obra missionária. Essa era a visão das educadoras metodistas que se dispôs a vir ao Brasil para evangelizá-lo.”*

A Educação Metodista tinha um objetivo claro de ser o canal de iluminação do povo brasileiro através do ensino moderno e dos princípios religiosos. Em busca deste objetivo, as

escolas abertas por eles, trouxeram um método de ensino inovador, que caminhava ao encontro das expectativas progressistas da burguesia emergente, num país confrontado com o sistema republicano de governo.

Essa clientela alcançada pelos metodistas na sociedade piracicabana, ansiava por um sistema de educação inovador, com métodos modernos, educadores qualificados, infraestrutura adequada, enfim, uma escola que atendesse aos ideais republicanos viabilizando assim, a modernização da sociedade brasileira.

Os Colégios Metodistas atenderam a esta expectativa, trazendo um método moderno de ensino que privilegiava a formação de moças sem deixar de fora a co-educação (escola mista).

As matérias ensinadas eram: línguas antigas e modernas (latim, português, francês, inglês), gramática, caligrafia, aritmética, matemática, álgebra, geometria, astronomia, cosmografia, geografia, história universal, história do Brasil, história sagrada, literatura, ciências naturais (botânica, física, química, zoologia, mineralogia), lições de coisas, artes (desenho, piano, costura à mão, bordado) e ginástica. (MESQUIDA, 1994, p.121)

O método de ensino metodista privilegiava a observação e a prática, características de um novo modelo de educação já difundidos na Europa e Estados Unidos - o movimento escolanovista.⁶ Neste modelo estava presente a interação professor-aluno, o respeito pela individualidade e liberdade, a valorização do corpo por isso a prática do esporte, da ginástica, aspecto inovador desta pedagogia na época.

A prática do exame público, método usado pelos protestantes no final de cada semestre, também era usado por Martha Watts. Esses exames, além de ser uma oportunidade para mostrar à sociedade o valor da educação metodista, serviam também para incentivar nos alunos e alunas as noções de competição e afirmação pessoal, levando-os a aprender a viver a democracia nos moldes republicanos.

Os valores trazidos pelos missionários e difundidos através da educação contribuíram para as reformas educacionais que ocorreram na época, antes e depois da Proclamação da República. Segundo Rosa Gitana:

Há absoluta identificação do que é feito no Brasil, nas escolas, com o sistema norte-americano de ensino e isto novamente é justificado

⁶ O movimento da Escola Nova começou a desenvolver-se na última década do Séc. XIX na Europa. O pensador mais importante do movimento foi John Dewey. Ver: DI GIORGI, C. *Escola Nova*. São Paulo, Ática, 1992.

pelos pressupostos do liberalismo: ensino mais humano, democrático, flexível e pragmático, constante espírito de pesquisa na busca de métodos e técnicas mais eficientes e menos rotineiras e a manutenção de certo pioneirismo que garanta aos alunos posição de destaque na sociedade. (GITANA,1998, p. 153)

Podemos observar que a educação protestante, e no caso deste estudo, a metodista, participou de momentos importantes como a transição do Império para a República, apresentando um sistema de ensino almejado pelos republicanos, tendo em vista o fato de a Miss. Martha Watts ter sido convidada por Prudente de Moraes e Manoel de Moraes a vir ao Brasil para abertura de escolas e através do ensino propagar o ideário de religião civil que nos Estados Unidos andava de mãos dadas com o sistema republicano de governo. Ambos eram líderes do partido republicano e ansiavam pela transformação da sociedade nos moldes da república americana.

Através dos métodos modernos de ensino, a educação metodista contribui para a democratização da educação, a separação Igreja/Estado, a laicização do ensino entre outras mudanças.

Não temos a intenção neste tópico de trabalhar ponto a ponto toda a participação e contribuição da educação metodista para a História da Educação, mas apenas considerar o fato de que a inserção do Protestantismo no Brasil através da Educação e em especial o Metodismo, motivou e impulsionou reformas na Educação Brasileira. A Educação Metodista trouxe novos métodos de ensino que atendiam às expectativas das lideranças políticas da época, que intentavam a construção de uma sociedade republicana e moderna.

2. REPRESENTAÇÃO DE BRASIL NAS CARTAS DE MARTHA WATTS

No primeiro capítulo, pontuamos algumas considerações sobre a inserção do Protestantismo em solo brasileiro com a vinda dos imigrantes, situando a educação metodista que chega até nós neste tempo. Dentro deste contexto, está inserida a personagem principal do nosso estudo a Miss. Martha Watts que veio ao Brasil para trabalhar como missionária e educadora, referendada pela Igreja Metodista Episcopal do Sul.

Num primeiro momento, vale a pena considerar que, a idéia de analisar o olhar de uma mulher, metodista, educadora do século XIX, através de suas missivas, no caso Martha Watts, chega a nós como um desafio e um risco. A distância histórica nos parece aqui um grande desafio, mesmo porque para tal análise, faz-se necessário nos transportarmos através de documentos e dados históricos para a época em questão. Redescobrir o olhar do outro com as nossas lentes que também são ofuscadas por conceitos, pré-conceitos, imagens e auto-imagens é ainda mais arriscado.

Martha Watts, missionária metodista que chegou aqui nos idos de 1881, com o objetivo de abrir uma escola para moças, é este “outro” que veio e se relacionou com vários “outros” construindo e reconstruindo sua própria auto-imagem e a imagem que ela tinha deste país. Tanto sua formação quanto sua evolução como indivíduo, implica em relações constantes e sempre renovadas entre o ser e o meio. Assim, a realidade percebida por ela do Brasil, é construída pela sua auto-imagem que é constituída pelos valores morais, éticos e religiosos, forjados por uma sociedade americana protestante, considerada por ela e por aqueles⁷ que a apoiaram, como civilizada.

Por isso concordamos com a autora Sylvia Novaes quando afirma que “há na verdade uma relação de interdependência entre a imagem que se faz de si e a imagem que se faz destes vários outros” (NOVAES, 1993, p.21). Antes de compreender, o outro é preciso uma compreensão de si mesmo e do contexto que este outro está inserido, para não cair no risco de julgar ou agir com preconceito na leitura que se faz do texto de uma outra pessoa tão distante historicamente, como no caso da Martha Watts.

⁷ Martha Watts veio ao Brasil apoiada pela família Moraes Barros, então líderes do Partido Republicano. Segundo MESQUITA (2001) Martha Watts foi apoiada e bem acolhida pelos irmãos Moraes, com cuja família viria a manter estreitos laços de amizade (...).

Miss Martha Watts veio e se relacionou durante vinte sete anos com a sociedade brasileira, neste tempo abriu três escolas metodistas⁸, sendo o Colégio Piracicabano sua primeira missão, logo a sua inserção na sociedade brasileira se deu em meio ao povo piracicabano. Deste modo, o seu olhar é voltado para uma cidade específica, num primeiro momento. O cuidado com generalizações é importante quanto ao todo do Brasil, pois até os dias de hoje não temos uma unidade nacional no que diz respeito à cultura, educação, costumes. Não temos um único Brasil, mas várias representações deste mesmo Brasil.

Assim, o seu olhar é construído a partir de uma relação de interdependência entre indivíduos anônimos ou não, que fizeram e fazem a sua história. Afinal a construção de cada percepção individual é influenciada pela percepção coletiva que em muitos momentos definem e direcionam nossa própria visão. A construção de si mesmo esta intimamente ligada com a relação com o outro. De acordo com Roger Chartier:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1998, p.17)

Deste modo, objetivamos perceber o Brasil da Martha Watts, visto de acordo com seus pressupostos culturais, ideológicos, religiosos, etc. que definem e direcionam o seu olhar, produzindo estratégias para levar adiante o projeto educacional e civilizatório que a trouxe ao Brasil. Vale a pena ressaltar o fato de não existir um único Brasil, ou uma única imagem de Brasil, existe e existiram vários olhares que pessoas, tanto daqui como de fora tiveram ao longo da história.

O objetivo de reconstruir a imagem que ela fazia do Brasil, como apontamos na introdução deste trabalho, observando a sua participação na História da Educação, será na perspectiva da representação. Entendemos por representação também, a reprodução daquilo que é pensado a respeito das coisas, das pessoas, dos lugares a partir da imaginação construída por conteúdos culturais e ideológicos apreendidos ao longo da nossa experiência de vida. São essas imagens que direcionará o olhar da educadora.

Como afirma Novaes, (1993, p.56) (...) o importante é descobrir quais são as representações mentais que fazem com que os indivíduos de uma sociedade percebam o

⁸ Os outros colégios foram: Colégio Americano em Petrópolis/RJ; Colégio Mineiro em Juiz de Fora/MG e o Colégio Izabela Hendrix em Belo Horizonte/MG.

mundo e os outros que povoam este mundo de um modo específico e ajam movidos por esta percepção peculiar. Nosso desafio é através das cartas da Martha Watts descobrir suas percepções e representações do Brasil, a partir da cidade de Piracicaba e como foi sua ação e reação frente ao outro que ela se relacionou movida por estas percepções, ou seja, quais as alterações⁹ vivenciadas por ela ao entrar em contato com uma outra cultura, uma outra sociedade.

Ainda como nos assinala Sylvia Novaes:

As imagens que uma sociedade forma de si e dos segmentos que toma como parâmetro para fazer uma reflexão sobre si mesma não são imagens fixas ou perenes. Transformam-se continuamente, em função mesmo das transformações das relações históricas entre estes segmentos. São imagens impregnadas de valores muito deles conflitivos. Imagens que ampliam a simultaneidade de sistemas culturais em confronto, onde não há um movimento unívoco que simplesmente afirme ou negue a identidade do outro. (NOVAES, 1993, p.45).

Neste sentido, como já apontamos, a pesquisa procurará atender a este desafio analisando suas cartas, observando em vários temas tratados por ela como religião, educação, costumes entre outros as suas percepções, e a imagem que ela tinha do nosso país, a partir da sua própria auto-imagem; para assim, desvelar este olhar tão distante historicamente que se tornou próximo através deste documento que são suas missivas.

Vale ressaltar ainda, a importância desta educadora à História da Educação Brasileira, setor da sociedade onde ela teve a sua expressão e contribuição, afinal o seu objetivo maior era evangelizar através da educação. Tanto que as suas cartas atendem justamente a este propósito, informar acima de tudo do trabalho evangelizador e educador das escolas metodistas abertas por ela.

Antes de analisarmos suas cartas, pensamos ser importante apontar alguns dados biográficos da educadora. É digno de nota o fato de termos encontrado poucas referências biográficas sobre Miss. Martha Watts. Acredito que neste sentido, suas cartas ganham ainda, maior importância para a melhor compreensão e desvelamento da sua pessoa.

⁹ Alter/ações: as ações que assumo em função do outro.(NOVAES, 1993).

2.1 QUEM ERA MARTHA WATTS?

Aos treze dias de fevereiro de 1845 nasceu nos Estados Unidos, em Bardstown Kentucky a menina Martha Watts. Filha de uma família já numerosa com nove filhos. O pai era advogado e a mãe uma zelosa dona de casa. Na sua mocidade mudou-se para Louisville, no mesmo Estado, onde se tornou professora. Ali frequentou a Igreja Metodista da Broadway, lugar onde enfrentou a perda do noivo, que morreu na Guerra da Secessão.

Enquanto frequentava a Igreja Metodista da Broadway, sentiu-se vocacionada para ser missionária, oferecendo-se para o trabalho educativo e missionário no Brasil. A sua carta de recomendação publicada no *Woman's Advocate* no mês de março de 1881, traduzida por Zuleika Mesquita nos fala sobre a sua iniciativa:

A Senhorita Matie H. Watts, de Louisville, Kentucky, ofereceu-se como candidata a missionária, aspirando ir para o Brasil. Tenho suas recomendações em mãos e devo acrescentar que são de primeira ordem (...) (*Woman's Advocate, março de 1881*). (MESQUITA, 2001, p.101)

O mesmo periódico publicou também informações sobre a jovem candidata à missão no Brasil. Como afirmou Mesquita (2001) não se tratava de uma menina, de uma jovem, inexperiente, o texto do periódico traduzido pela autora nos demonstra isso:

Possuidora de um corpo forte e saudável, ao lado de uma mente ativa e bem disciplinada por uma experiência de sete anos em escolas, ela é alegre, tem um temperamento equilibrado, com uma rara combinação de amabilidade e força de caráter. Tudo de si, vida, tempo e talentos, ela consagrou a Deus há vários anos passados, e tem estado permanentemente engajada nos diferentes ramos de trabalho da igreja. Por dois anos, ela desejou servir como missionária e quando viu abrir-se o Brasil, a fé simples foi manifesta em sua resposta: Eis aqui a criada do Pai (*Woman's Missionary Society of the Methodist Episcopal Church, South*) (MESQUITA, 2001)

Martha Watts tomou o navio no dia 26 de março de 1881, saindo de Nova York com destino ao Brasil. No entanto a educadora não fez esta viagem exaustiva de quase sessenta dias sozinha. Junto com ela veio o missionário J.J. Ramsom, James Willian Koger com sua esposa e seu filho e o Reverendo James L. Kennedy.

A longa viagem até o Brasil passou antes por Londres, Lisboa, a Ilha da Madeira e por fim Salvador. De Salvador o grupo de missionários passou ainda pelo Rio de Janeiro, São Paulo até chegar em Piracicaba.

Martha, junto com seus companheiros de viagem, chegou a Piracicaba no dia 19 de maio de 1881 hospedando-se, num primeiro momento, no Hotel Piracicabano. Contudo foi recebida posteriormente pela família de Prudente de Moraes onde teve estreitos laços de amizade enquanto esteve no Brasil.

Durante sua estada no país, ela produziu uma série de cartas e relatórios que eram enviados periodicamente aos Estados Unidos. Através desta documentação podemos perceber sua concepção de educação e também seu olhar sobre o povo brasileiro. Sua percepção se identificava com a ideologia do Destino Manifesto, ou seja, a salvação para o Brasil estava na associação da religião protestante com a educação, requisito básico para transformação da sociedade brasileira.

Seus registros expõem suas expectativas em relação à sociedade brasileira e o seu anseio em contribuir para a melhoria da vida das crianças, que na sua perspectiva, careciam de religião e educação, conforme ela escreve:

(...) deveríamos ser surdos ao seu clamor e contemplar indiferentemente a visão da imensa aflição de centenas de criancinhas que crescem em meio ao pecado e a uma corrupção tão vil, que ao chegarem a vida adulta tornar-se-ão tão somente delinquentes e párias sociais? Ou deveríamos, com a ajuda de Deus, buscar a salvação dessas preciosas almas? (...) (p.22)

Sua fala nos informa sobre quem foi Miss Martha Watts, uma mulher voltada para o evangelho social, que se mostra profundamente preocupada com as condições desfavoráveis de vida na qual se encontravam as crianças e as pessoas a quem ela se refere em sua carta. Sua sensibilidade em relação ao sofrimento humano nos mostra um comprometimento com uma prática religiosa e educacional que objetivava a transformação integral do indivíduo, tanto no corpo quanto na alma.

Tal registro nos aponta também, a concepção que os missionários norte-americanos, entre eles Martha Watts, trouxeram em suas bagagens, quando aportaram no Brasil. Estes estrangeiros pensavam a missão como meta para difundir a educação religiosa, moral e intelectual que preconizava a conversão de almas. Estes eram adeptos do ensino de uma ética protestante baseada em valores moralistas e puritanos, que na ótica destes missionários, poderiam levar o país ao progresso e ao desenvolvimento. Esse desejo de intervenção no país

a partir de uma educação religiosa, que foi concretizado com a vinda de Martha Watts no final do século XIX, já havia sido manifestado por Daniel Kidder quando esteve no Brasil no início do século, em seu registro ele escreve:

Desejo de todo o meu coração ver o dia em que as nossas escolas para meninas sejam de tal natureza que uma jovem brasileira nelas se possa preparar, por sua educação intelectual e moral, a tornar-se uma digna mãe, capaz de ensinar aos seus próprios filhos os elementos de uma educação e dos deveres para com Deus e os homens para esse objetivo é que estou me esforçando. (KIDDER 1941, p.182)

A partir disso, é possível afirmar que tanto Kidder quanto Martha Watts almejava um mesmo sonho, embora não tenhamos encontrado registros de alguma relação entre esses dois missionários, por fazerem parte de igrejas diferentes. Kidder era da Igreja do Norte e Martha da Igreja do Sul.

No entanto, vale notar que havia um intercâmbio de informações sobre missões em outros países que circulavam entre as igrejas, muitas pessoas se interessaram pela missão através de cartas, relatórios que eram enviados pelos missionários que aqui estavam. Hipoteticamente é possível pensar que Martha tenha tido acesso a informações sobre o Brasil através destas cartas e relatórios que foram enviados pelos primeiros protestantes que estiveram aqui como Daniel Kidder.

A idéia de evangelização, preconizada por tais missionários/as, diz respeito a uma transformação integral do indivíduo e uma transformação moral da sociedade, já que nos parece que Miss Martha Watts tinha uma percepção um tanto negativa da sociedade brasileira, pois entendia que os brasileiros estavam nas trevas da ignorância, o que gerava a corrupção e o atraso.

No entanto, os seus julgamentos são referendados por sua bagagem ideológica e cultural que se distanciava e diferenciava dos brasileiros no primeiro momento de sua chegada. Sua visão, embora nos pareça negativa é, antes de tudo, de surpresa e estranheza com uma cultura totalmente distinta. Os seus relatos, que analisaremos no decorrer do texto, irão nos mostrar que pouco ela sabia a respeito do Brasil, suas percepções passam pelo que ela imaginava do país, por isso se empenhou em conhecê-lo desde o primeiro momento de sua chegada. Sendo a realidade uma representação, o seu imaginário vai passar por símbolos que constituem este real.

Vale ainda ressaltar que são poucos os dados biográficos da educadora, a imagem que podemos construir dela se dá pelo acesso as suas cartas, são elas que podem nos revelar sua pessoa.

Através da análise de suas cartas nos arriscaremos a conhecê-la e poderemos observar o seu relacionamento com o povo brasileiro, para assim perceber qual a representação de Brasil produzida por esta educadora estrangeira no final do século XIX.

2.2 O QUE NOS REPRESENTAM SUAS CARTAS

Como já comentamos, enquanto Martha Watts esteve no Brasil, ela enviava periodicamente cartas relatando a Sociedade Missionária de Mulheres o trabalho realizado aqui. Nestas cartas poderemos descobrir um pouco sobre esta mulher que aos 36 anos veio se aventurar em terra estrangeira, movida por sua convicção religiosa. Convicção esta que a fazia sentir-se escolhida e vocacionada por Deus para evangelizar o Brasil e conseqüentemente difundir os valores da civilização cristã protestante.

Miss Martha Watts traz em suas cartas a marca da sua piedade pessoal. O tom de sua escrita nos demonstra o seu caráter piedoso e seu comprometimento com o projeto evangelizador e educador da Sociedade Missionária de Mulheres¹⁰, integrantes da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos.

Suas missivas eram publicadas pelo *Woman's Missionary Advocate*, periódico mantido por esta Sociedade de Mulheres, destinado a noticiar o trabalho desenvolvido por inúmeras missões educativas em várias partes do mundo.

Suas cartas eram em sua maioria destinadas a Sra. Butler, secretária executiva e editora da Sociedade responsável por receber e publicar estas cartas. O objetivo maior era informar sobre a missão e ainda, para haver um intercâmbio entre as mulheres que estavam nos campos missionários, pois ao ler notícias uma das outras poderiam sentir-se fortalecidas e incentivadas a continuar o trabalho.

Provavelmente este periódico circulava entre os demais membros da Igreja, embora fosse destinado às mulheres. Entretanto, não temos esta informação. Por isso é possível pensar que Martha Watts escrevia especificamente ao público feminino das Igrejas, eram nestas

¹⁰ Encontramos poucas referências à história destas sociedades sendo um campo a ser ainda explorado.

mulheres metodistas que ela talvez pensasse ao discorrer, em muitos momentos, longamente, sobre o trabalho, a fim de sensibilizá-las a se envolver cada vez mais com a missão.

Sendo assim, suas falas são marcadas por informações dos progressos da escola e, conseqüentemente, do trabalho evangelizador da mesma, além de informar com detalhes o lugar onde estava o clima, a paisagem, os costumes dos brasileiros, enfim todas as informações que ela julgava necessária para sensibilizar as mulheres a fim de enviarem mais recursos à missão.

Por isso em todas as suas cartas observamos fortes apelos que marcam a militância desta educadora.

A seguir um trecho que nos demonstra tal afirmação: *Queridas leitoras do Advocace: Após um intervalo de alguns meses volto novamente a chamar sua atenção para o nosso trabalho no Brasil e talvez eu deva reivindicá-la especialmente para este lugar em particular. (p.136)*. O lugar em particular no caso aqui é o Colégio Mineiro em Juiz de Fora que estava iniciando o seu trabalho. Assim ela continua seu apelo: *Será que nosso povo se apercebe de que eles podem até mesmo encurtar o braço do Senhor por não estarem fazendo sua parte de dar e enviar?(...) Li em um jornal metodista que se calcula que a manutenção das igrejas nos Estados Unidos chegue a duzentos e sessenta milhões por ano. Pensem só nisso! Creio que cinco milhões são enviados aos campos missionários no exterior. Fico imaginando se Jesus fica satisfeito com essa distribuição desigual de recursos.(...) Há tantos lugares abertos no momento, mas não podemos entrar. Por que? Porque não há mulheres e dinheiro suficientes. Pergunto-me se a igreja tem dado ouvido aos rogos de nossas missionárias que estão em casa agora? Ou estão apenas se entretendo, partindo depois da reunião, esquecendo tudo sobre a própria missionária e a causa que ela representa?(pp.136-137)*

Quando observamos a sua prática religiosa perpassando todas as suas ações, podemos compreender a convicção que ela mostra em seus rogos em prol da missão, por isso sua crença vai influenciar em todo o tempo sua interpretação de Brasil.

Neste sentido, a sua religiosidade e suas crenças, permeiam todas as missivas, e a maioria dos seus relatos demonstra o seu anseio de levar o Evangelho aos brasileiros. O termo evangelizar na prática da educadora adquire o sentido de civilizar, pois estava embutida na ideologia do destino manifesto, a convicção de que os povos de língua inglesa sentiam-se escolhidos por Deus para levar aos outros países o ideal de civilização cristã, a mesma convicção que motivou Martha Watts. Foi a paixão protestante que deu a tantas mulheres americanas como Martha Watts, a idéia de que eram elas as guardiãs da missão de purificar o

mundo. Imbuídas desta ideologia as americanas no século XIX lutaram pela paz, pelo direito ao voto da mulher, pela abolição da escravatura entre outros temas de relevância social.

Sobre isso escreve Peri Mesquida:

Durante todo o século XIX e, particularmente, no processo de unificação da nação depois da Guerra de Secessão, difundiu-se nos Estados Unidos à idéia de que a religião e a civilização estavam unidas na visão da América Cristã e que a ação de Deus no mundo se verificava por intermédio de povos especialmente escolhidos.(MESQUIDA, 1994, p.147)

Os povos especialmente escolhidos eram representados por estas mulheres protestantes, que atravessaram o mar com coragem e ousadia para transmitir as outras pessoas o ideário americano de sociedade.

Diante do exposto acima, objetivamos a seguir, sistematizar os assuntos tratados por Martha em suas cartas. Assuntos que julgamos interessantes e relevantes para o objetivo da nossa pesquisa como: Religião, Educação e Costumes. Dentro desses assuntos encontraremos sua percepção sobre a mulher, escravidão entre outros e assim poderemos verificar a representação de Brasil para esta educadora e seu posicionamento frente a estes temas.

2.3 MARTHA WATTS E A RELIGIOSIDADE BRASILEIRA

Como apontamos no primeiro capítulo a religião oficial no Brasil no século XIX era o Catolicismo. Nesta época os padres exerciam seu poder de influência para que nenhuma outra idéia religiosa encontrasse lugar entre os brasileiros. No entanto, a partir de 1810, com a assinatura do Tratado de Aliança e Amizade e de Livre Comércio e Navegação firmado com a Inglaterra, as portas foram abertas ao protestantismo.

Já foi apontado que o objetivo da Sociedade Missionária de Mulheres era enviar missionárias educadoras para a abertura de escolas para moças em países católicos, pois para tais mulheres o catolicismo e conseqüentemente a idolatria eram o motivo do atraso de tais países. Para essas mulheres, a saída para o desenvolvimento e crescimento da nação estava na religião protestante amplamente difundida nos Estados Unidos naquele momento. A respeito disso nos aponta Mesquita (2001): Pensavam elas que, “civilizando” as mulheres nativas, ou seja, educando nos padrões culturais do protestantismo, essas mulheres se libertariam da

dominação masculina em que viviam tornando-se independentes e em condições de prover o próprio sustento.

Sendo o catolicismo o símbolo do atraso no ideário destas missionárias, encontraremos quase em todas as cartas de Martha fortes críticas a religiosidade brasileira. No entanto, com o intuito de conhecer melhor tal religiosidade ela não mede esforços para se envolver nas celebrações católicas da época, com uma atitude de respeito e curiosidade.

Parece-nos que ser católico para Martha Watts era estar nas trevas da ignorância. O seu olhar para o Brasil, embora cuidadoso em muitos momentos, não deixa de ser etnocêntrico¹¹. O outro é julgado a partir dos seus referenciais culturais e de seus ideais de civilidade. Deste modo, ela aponta como grande mal do país a idolatria e a não observância do domingo. Sobre isso ela comenta: *Suas cerimônias repletas de idolatria e sua quase total indiferença à observância do domingo são os grandes males evidentes a todo.* (p.24)

A observância do domingo, como dia sagrado, separado para ofícios apenas de caráter religioso é uma característica marcante na concepção da missionária. Adiante ela cita um episódio em que uma garota negra veio a sua porta para vender enfeites, e ao indagar a garota sobre o fato de ser domingo e por isso não ser correto comprar ou vender naquele dia, ela se diz atônita pela resposta da infante que afirmou não fazer diferença para ela.

O ficar atônita, quer dizer assombrada, perplexa, admirada demonstram suas categorias de pensamentos marcados pela sua concepção protestante que entra em conflito com uma outra cultura e outro modo de pensar. A seguir o trecho da carta: *No domingo uma garota negra veio à nossa porta com uma caixa de enfeites para vender; e perguntou-me se queria comprar algum deles eu lhe disse que era domingo, no que ela respondeu da maneira mais simples possível que isso não fazia diferença. Atônita, repeti suas palavras, e lhe disse que não comprávamos nem vendíamos no domingo, e que servíamos a Deus naquele dia. Eu não pude lembrar da palavra que significava “cultuar” e contei isso a meus amigos mais tarde. Eu estava triste em ter que nos apresentar como “Cristãos de Domingo”; mas isto era o melhor que podia dizer para ser fiel aos meus princípios.*(p.24)

Encontramos neste trecho a preocupação da educadora em ser fiel aos seus princípios protestantes, baseados, neste caso, na total observância ao domingo como dia sagrado. Se apresentar como “Cristãos de Domingo” como ela mesmo afirmou era a melhor estratégia

¹¹ Sobre isso escreve Todorov: O etnocentrismo segue a linha do menor esforço e procede de maneira não crítica: crê que seus valores são os valores e isto lhe basta, nunca busca verdadeiramente prová-lo. TODOROV, Tzvetan, *Nós e os outros – A reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1993, p.21.

naquele momento de apreensão da realidade brasileira; uma estratégia usada para permanecer coerente com seus princípios.

A representação do domingo como dia sagrado, separado somente para o culto é basicamente protestante, sendo diferente da concepção religiosa do povo brasileiro que era católico. Este primeiro apontamento que encontramos nesta carta, nos revela os conflitos que a missionária Martha Watts enfrentará ao se deparar com outras formas de vivenciar não só o domingo, mas a religiosidade de modo geral. Como afirma Chartier (1988, p.17) as lutas de representações, têm tanta importância como as lutas econômicas, porém são necessárias para compreendermos os mecanismos de poder, pelos quais um grupo impõe ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio.

Nestas lutas de representações, encontraremos constantemente esta missionária, que naturalmente tentará transmitir seu modo de vida, seus costumes e seus valores às pessoas das suas relações.

Seu conflito nos parece ligado à religiosidade popular, a mesma parecia incompreensível para a educadora que conhecia a religião do templo e não da rua como era vista no Brasil naquela época e até os dias de hoje. Para ela, a religião católica e as manifestações populares que usavam os símbolos católicos, eram a responsável pela ignorância do país.

Apesar dos conflitos que encontrou ao entrar em contato com o povo brasileiro, encontramos Martha Watts disposta a se envolver e conhecer melhor o lugar e as pessoas a fim de dar início ao seu trabalho. Por isso nesta primeira carta datada em **julho de 1881**, ela descreve as festas religiosas da cidade, que acontecem no mês de junho: a festa de São João e a festa de Pentecostes. Sobre a festa de São João ela comenta: *O mês de junho é uma ocasião festiva especial, já que é o mês de nascimento de São João, padroeiro do país. Houve muitos feriados com uma queima constante de fogos e badalar dos sinos. Esta estação é a época mais importante do ano, como dezembro é para nós. Marca uma festiva estação, sendo que o Dia de São João é o principal dos dias, como é o Natal para nós.* (p.25)

É possível pensar, que neste trecho, ela está apressadamente avaliando a religiosidade e qualificando o que é mais importante nas comemorações da Igreja no Brasil. Na sua primeira impressão o dia de São João é mais importante que o Natal – ocasião em que se comemora o nascimento de Jesus Cristo. Embora ela não faça nenhum comentário a respeito deste assunto nas cartas seguintes, pensamos que o rito religioso do Natal possui a mesma importância tanto para católicos quanto para protestantes. Mas ela está ainda chegando ao

Brasil e todo o aparato que observou para comemoração do dia de São João fê-la pensar ser este dia mais importante que o Natal.

Na ocasião da festa de Pentecostes ela parece escandalizada e se entristece com o que vê: *Quero lhes contar sobre a celebração de Pentecostes. Meu coração se entristece quando penso nisso. Chamou-se de “Festival do Grande Encontro”(p.25).* Depois de descrever os detalhes da festa como: os enfeites, os barcos decorados, as pessoas sentadas à beira do rio ela diz: *Tudo tão novo e estranho (...) Esperamos com crescente interesse e com os corações tristes; entendemos que aquilo tudo havia sido planejado para deleitar os ignorantes e preencher suas mentes com a excitação que eles interpretam erroneamente como fervor religioso. Então, comentei que não era de se admirar que se deixassem levar por essas coisas; como não lhes é oferecido nada melhor, eles aceitam alegremente essas novidades que os padres sabem tão bem manejar.* (p.27)

Na concepção de Martha Watts, toda a festa de pentecostes havia sido planejada para enganar o povo que estava na ignorância, e os padres eram mantenedores desta ignorância. Isso tudo porque não era oferecido às pessoas nada melhor. Seria então o protestantismo o melhor para o Brasil? Na visão dos missionários e missionárias que aqui estiveram com certeza sim.

Os padres ofereciam, dentro da configuração social que faziam parte, as estratégias para continuar mantendo o poder de influência sobre as pessoas. Eles levavam à população os pressupostos da sua confissão religiosa, logo consideravam tal rito verdadeiro e transmissor de sentido aos seus fiéis. Por isso, podemos pensar que os padres não estavam ludibriando conscientemente o povo, apenas repetindo ritos e comemorações religiosas que satisfaziam as pessoas dentro do seu universo simbólico e religioso.

Ela continua sua descrição sempre em tom de indignação e repulsa ao modo como os católicos representavam o Espírito Santo e comemoravam o Pentecostes. O Espírito Santo era representado com um estandarte que sustentava uma bandeira vermelha onde estava fixada no seu topo uma pomba branca. Adiante Martha demonstra a sua contrariedade com tal ritual e diz: *Sabe o que todo aquele cerimonial queria dizer? Eles desciam o rio em nome da Igreja, para receber o Espírito Santo! Que sacrilégio! Senti pesar pelo meu Senhor e, quando me lembro, minha alma exclama: “Por quanto tempo, meu Senhor, por quanto tempo permitirás este pecado contra o abençoado Espírito Santo?”.* (p.26)

Entre uma descrição e outra ela faz exclamações de indignação com o cerimonial assistido. Para ela, como protestante, o que estava vendo era um sacrilégio, uma profanação intencional a algo sagrado, um ultraje à terceira pessoa da Trindade, logo um pecado. Deste

modo, a maneira de celebrar tal evento cristão estava errada e por isso os brasileiros precisavam de salvação. Ao descrever a cena ela afirma: “*Podem vocês imaginar a escuridão deste império em que o grande Iluminador “não é melhor conhecido? Não há a necessidade de um trabalho de evangelização aqui, minhas irmãs?”*”(p.27) O Iluminador no caso aqui é o próprio Espírito Santo, símbolo da luz da razão, instrumento para livrar as pessoas da escuridão da irracionalidade.

A maneira como os católicos celebram a festa de Pentecostes se diferencia dos protestantes que possuem outra representação do Espírito Santo. A prática de cada religião se diferencia uma das outras, por isso a representação mental de tal evento cristão se constrói a partir da cultura e costume de cada lugar.

Vale a pena considerar que a festa de Pentecoste conhecida também como a Festa do Divino é uma antiga tradição do povo brasileiro trazida por Portugal na colonização e popularizada no Brasil no século XVI. Segundo Rita Amaral é considerada uma festa popular. A Festa do Divino é realizada por diversos segmentos da sociedade, tendo o controle das autoridades eclesásticas e da cidade, incluindo em geral, os fazendeiros, comerciantes ou outros que se conhecem de algum modo através de relações de trabalho. Em certos casos, ocupam posições específicas na festa por causa das posições que ocupam na sociedade. Assim, combinam-se os dois sistemas: o da festa e o das relações sociais.

A Festa do Divino coloca dentro de sistema de ações de trocas e serviços, pessoas socialmente diferenciadas em posições também diversas e muitas vezes interdependentes. Pode-se mesmo dizer que é sobre estas trocas simbólicas de modos de participação que se constitui, na prática, a Festa do Divino. Ela instaura uma transformação não apenas na vida da sociedade local como também na vida pessoal dos participantes, como de resto acontece com todas as festas, mas especialmente com as festas devocionais¹².

Pela postura de indignação e incompreensão do rito, é possível que Martha Watts não conheça a fundo a tradição da festa. De qualquer forma todo o rito é incompreendido pela educadora que possui outra concepção da festa de pentecostes. Por isso toda forma que não está de acordo com o seu costume deve ser transformada, ou seja, iluminada pela luz do conhecimento. Neste sentido, o propósito de evangelização se dá numa perspectiva de negação da religiosidade popular, por isso ela afirma: *Esperamos com crescente interesse e com os corações tristes; entendemos que aquilo tudo havia sido planejado para deleitar os*

¹² AMARAL, Rita. Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que "não é sério". Disponível em publicação eletrônica na Internet, via WWW. URL: <http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html> Capturado em (22/12/2005)

ignorantes e preencher suas mentes com a excitação que eles interpretam erroneamente como fervor religioso. (p.26). No seu entendimento a festa não é vista como uma tradição, um valor cultural, apenas um plano para enganar as pessoas, e é claro que a responsabilidade de tal engano era dos padres os mantenedores desta ordem social ignara. Ao contrário dos protestantes, parece-nos que o catolicismo brasileiro era muito mais respeitador da religiosidade popular.

Quando Martha diz (...) *eles aceitam alegremente essa novidades que os padres sabem tão bem manejar* (...) (p.26). Como uma festa popularizada no Brasil no século XVI seria novidade para o povo? Isto nos indica que de fato tudo era muito novidade para ela, e a falta de conhecimento da tradição aliada à aversão ao sistema religioso católico pode ter levado Martha a estas afirmações.

Neste sentido, a sua atitude etnocêntrica parece não levar em consideração o valor cultural e social da festa, vista como uma atitude supersticiosa e transgressora do verdadeiro culto ao Espírito Santo. Tanto o catolicismo ortodoxo quanto os símbolos religiosos das pessoas são vistos como fonte de atraso e estratégia dos padres para ludibriar as pessoas.

Outro aspecto que não é levado em conta é o fato das pessoas viverem em grandes riscos por conta das enfermidades decorrentes da localidade ribeirinha da cidade, onde a fé se torna o único meio de cura. Por isso a bandeira do Divino era passada pelas casas, pelos leitos de enfermos, onde a crença popular parece ser a única saída.

Em suas palavras ela afirma a diferença entre católicos e protestantes: “Era enorme o contraste entre a forma como nós, como protestantes neste lugar, e eles, como católicos, passamos a noite daquele domingo”.¹³ (p.27) relato nos indica que a festa continuou na segunda-feira e lá estavam os protestantes novamente assistindo, com intuito de se inteirar dos costumes religiosos do país e da cidade onde eles pretendiam abrir sua escola.

De modo geral, a educadora via nessas celebrações o resultado não só de uma espiritualidade primitiva, cujo dolo era atribuído, sobretudo à ação da Igreja Católica no País, como também certa promiscuidade daqueles costumes religiosos o qual ela estava tendo contato.

Essa atitude foi muito comum entre os estrangeiros que aqui estiveram nesta época. A atitude é sempre de admiração e indignação, sendo a última mais preponderante em seus julgamentos.

¹³ Aqui ela se refere ao domingo de Pentecostes, onde ela e os irmãos protestantes comemoraram tal evento em um culto a portas fechadas, enquanto os católicos faziam festa nas ruas.

Entretanto é possível observar nas palavras de Martha um determinado cuidado ao fazer comentários por não conhecer suficientemente o país. Por isso ela termina essa missiva afirmando que ainda não está muito inteirada sobre o Brasil, mas que estava disposta se informar para obter mais informações a fim de comunicar àqueles/as que quisessem mais notícias sobre o povo brasileiro.

Em uma outra carta datada em **janeiro de 1882**, Martha Watts descreve uma visita que fez a São Paulo a fim de conhecer a escola-missionária presbiteriana atual Mackenzie. Nesta ocasião ela assistiu a uma procissão em homenagem a Maria mãe de Jesus. *No dia 8, enquanto em São Paulo, testemunhei uma procissão em devoção a Maria, a mãe de Nosso Senhor. Foi um dia bastante sagrado, o “Dia da Conceição”*¹⁴(p.39). Nesta ocasião Martha vai se deparar com mais uma celebração católica. Sua postura diante do que via, apesar de sugerir certo respeito, é sempre carregada de crítica ao sistema religioso do povo brasileiro.

A atitude de respeito é verificada no comentário que ela faz sobre a procissão que assistiu: *Imagem só a algazarra da multidão, a explosão dos foguetes, o tinir dos pratos, o soar dos clarins e o ressoar dos tambores, e então associe tudo isto, se puderem, a ela, a mais amável das mulheres, que submete à vontade de Deus dizendo “Eis a Serva do Senhor!”* (p.39)

Esse seu comentário evidencia a atitude do protestante frente à figura da Maria Mãe de Jesus, uma atitude de respeito e consideração pelo seu feito, aceitando ser mãe do Salvador, e nunca de devoção ou adoração, pois para o protestantismo a mãe de Jesus não deve ser idolatrada. No entanto, para os católicos a adoração a Maria mãe de Jesus é um dogma que não pode ser mudado e alterado por isso a adoração a esta figura, o que era inadmissível para o protestante.

A atitude da educadora parte da sua concepção teológica da fé protestante que condena a idolatria, um costume dos católicos romanos. Diante disso o seu comentário, embora de respeito, é de crítica ao que ela condenava e considerava o mal maior do povo brasileiro – a idolatria. É claro que ela estava associando tudo o que estava vendo ao catolicismo, não levando em consideração a cultura popular que ressignificava os rituais.

Entre uma descrição ou outra da procissão que assistia, ela faz comentários apelativos evocando textos bíblicos: *Certamente aquelas pessoas não sabem que Jeová bradou ameaçadoramente do Sinai: “Não deverás fazer para ti qualquer imagem entalhada,*

¹⁴ O dogma da Conceição diz respeito a virgindade de Maria, que segundo os católicos foi conservada mesmo depois da concepção de Jesus. Dogma negado pelo protestantismo.

*ou qualquer imagem de qualquer coisa que esteja em cima no céu ou embaixo na terra”.*¹⁵ Não faz muito tempo, uma mulher me perguntou se não tínhamos “imagens” em nossa religião; eu lhe respondi que nossa religião é espiritual. Oh, amigas, orem para que possamos ensinar essa gente que “Deus é Espírito, e que aqueles que o adoram devem fazê-lo em espírito e em verdade!”.(p.40). A pretensão de fazer parte de uma religião melhor, mais esclarecida e verdadeira fica explícita neste trecho da carta. Ainda escrevendo sobre isso, mais à frente ela comenta que *uma senhora fervorosa, com madeixas douradas, me disse que “era uma pena que nós protestantes somos privados do privilégio de honrar a mãe de nosso abençoado Senhor através da idolatria dos romanistas!”*. *E senti que era verdade, que somos realmente privados.*(p.40)

Ser reservado de honrar a mãe de Jesus nas palavras da Martha era justamente o fato de não fazê-lo e sentir-se privilegiado por isso. Ser privado pode nos sugerir ser separados, reservados, especiais em relação àqueles que praticam tal ato.

A Bíblia, para a educadora se torna a referência e a segurança para o argumento da verdade, a fim de combater os costumes estranhos e primitivos dos brasileiros que não condiziam com a maneira protestante de pensar.

Em carta datada em **8 de março de 1882**, a missionária vai tratar quase que especificamente da religiosidade do Brasil. Porém, antes de escrevê-la ela passou vários domingos observando a atitude dos brasileiros, no caso os piracicabanos, em relação ao domingo como “Dia do Senhor” Este parece ser um tema que a preocupa e angustia muito desde que entrou em contato com a sociedade brasileira. Ela inicia a carta assim: *Cara Sra. Butler: Referi-me em cartas anteriores à profanação do domingo neste país, e farei agora algumas ilustrações; mas, como isso iria carregar por demais suas colunas se eu contasse à senhora todas as ocupações e prazeres envolvidos no dia sagrado de Deus, deverei me reter ao exato limite do que vi em meu caminho de ida e volta da igreja, e da janela enquanto estou na igreja (...) isto é o que vi em horas diferentes de vários domingos.* (pp.41-42)

Na sua descrição ela diz: *Nossos vizinhos não parecem sentir a santidade do dia, pois cada um deles dá continuidade a suas tarefas diárias* (p.42). Depois deste comentário ela dá várias informações sobre as pessoas nos seus ofícios, cada um trabalhando normalmente como um outro dia qualquer. Devido aos seus referenciais religiosos isso a incomoda profundamente causando um tom de indignação nas suas palavras.

¹⁵ Texto bíblico: Êxodo: 19 –20. Bíblia Sagrada traduzida por João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Corrigida. Rio de Janeiro, Imprensa Bíblica, 1991.

Ao observar um grupo de crianças, embora ela não nos informe sobre elas, suas palavras nos dão a impressão de que sejam simplesmente crianças brincando pela rua, subindo em árvores para pegar frutas, como deveria ser o comportamento dos infantes na época. A respeito disso ela exclama: *Ah! Eu gostaria de poder reunir estas crianças sujas, lhes dar um banho e levá-las á escola dominical comigo! Eles seriam tão mais felizes!* Adiante ela ainda comenta, sobre as crianças: *Céus, céus, o que esses meninos estão fazendo? Eles certamente vão quebrar o pescoço! Ah, não, eles estão somente atrás de castanhas. Eu gostaria de poder trazê-los para a escola dominical. Eu acredito que eles gostariam de vir, já que pararam para nos ouvir cantar* (p.42).

Se as crianças estavam brincando nas ruas, é natural que estejam pouco limpas, no entanto tal observação leva a missionária a pensar ser capaz de conferir alegria a tais crianças dando um bom banho e as levando para a escola dominical. Tal apontamento pode representar a percepção de uma mulher constituída socialmente pelos ideais protestantes de boas maneiras, bons costumes e principalmente de higienização.

Será que as crianças enquanto brincavam, subiam em árvores e comiam castanhas não estavam felizes? A felicidade está em tomar banho e ir à escola dominical? No entanto, esta é a concepção da missionária. Talvez para Martha Watts o fato das crianças pararem pra ouvi-los cantar já denotava o interesse pela sua celebração. Entretanto, não seria apenas curiosidade infantil diante da novidade que representava aqueles estrangeiros?

Ainda comentando sobre suas observações, Martha ouve o som de tambores, neste momento ela está dentro da igreja ouvindo o sermão: (...) – *é um tambor batendo, e no domingo também. O que pode essa gente querer, eu me pergunto. Eles não sabem que deveriam manter esse dia santo? Está realmente passando por aqui! É o “Caia-Pó”, e o pregador tem que parar, pois a confusão é tamanha, que ele prefere não competir com aqueles negros, pintados e vestidos como selvagens, enquanto dançam e gritam, mantendo o tempo do tambor e o de suas próprias vozes. Quão suavemente o pregador se refere a isso, chamando de tolice! Tenho visto coisas tão tolas do mesmo caráter feitas nos Estados Unidos, mas não no domingo.* (pp.43-44)

Neste trecho encontramos a contraposição dos rituais protestantes com os rituais dos brasileiros. Para ela tudo aquilo se assemelhava à selvageria, á barbárie. A diferença e superioridade dos americanos são verificadas na atitude “civilizada” do pregador em esperar para comentar suavemente o quanto os costumes dos brasileiros eram tolos e ainda mais agravados por não possuírem a concepção do domingo como dia sagrado.

O centro da preocupação e crítica da educadora nesses trechos de suas cartas é a não observância do domingo. É possível pensar que o problema não está em praticar tais atos, como vender, comprar, tocar tambores, etc... O problema é tal ato serem praticados no domingo, considerado por ela e pelos protestantes um dia sagrado, separado, apenas para o ofício religioso sendo que, qualquer outra atividade praticada neste dia, tanto aqui quanto Estados Unidos, não correspondia com os princípios de uma sociedade civilizada.

Martha Watts termina a carta novamente falando do seu desejo de conversão do povo brasileiro: *Se meu estilo de escrita rouba a força dos fatos, perdoe-me, pois asseguro à senhora que não é algo leve para nós: nossos espíritos padecem, e nós ansiamos em trazê-los para a luz do Evangelho.* (p.45), ou seja, para a luz da razão.

Como afirmamos anteriormente, os comentários sobre a religiosidade brasileira permeiam a maioria das cartas. Contudo, as observações a respeito deste tema vão aparecer de forma mais acirrada nas primeiras correspondências, quando Martha está entrando em contato com a realidade brasileira. À medida que os anos vão passando, as cartas tendem a tomar um tom informativo e institucional com poucos comentários mais específicos, como no início do seu trabalho.

A educação como instrumento de evangelização trazida pelo protestantismo ao Brasil é verificado nas também nas cartas da educadora. Em carta datada em **9 de novembro de 1883** observamos o valor que ela dava ao estudo da Bíblia, sendo o mesmo, parte das aulas ministradas no colégio. *Meu único livro escolar é a Bíblia* (p.60). No entanto, suas informações demonstram que os alunos resistiam ao ensino, embora achassem interessantes suas explicações. Ao expor trechos da Bíblia, ela diz que parecia que as alunas tinham aceitado suas explicações: *Eu digo pareceram, pois essas moças são muito cuidadosas e do tipo que não se entregam* (p.60). Em seguida ela diz: *Orem caros amigos, para que Deus possa dar seu Espírito Santo a estes meus alunos (...) Vocês ficariam surpresos ao ver o quanto alguns deles são ignorantes a respeito destas coisas, apesar de terem muitas cerimônias e imagens, vocês pensariam se seria possível para qualquer um deles poder caminhar mais pela visão do que pela fé.*(p.60)

Outro tema abordado pela educadora, ao se deparar com a religiosidade brasileira é a morte das pessoas. Nesta mesma carta, Martha comenta o seu incômodo com várias notícias de mortes. *Eu nunca fui tão afetada pela morte de estranhos como sou aqui. A visão do padre saindo para ungir uma pessoa para a morte lança uma melancolia sobre mim por todo o dia, pois eu sei que isso não basta e eles não receberão a nós, que estamos tão ansiosos para dar*

a eles o pão da vida para que possam viver para sempre, e estamos mais convencidos de que o poder não é próprio do homem – ele deve vir de Deus. (pp.60-61)

Em carta não datada, publicada no mês de **abril de 1889** ela faz o seguinte comentário sobre o catolicismo no Brasil: *Sempre que vamos a algum lugar onde podemos ver qualquer uma das falácias da Igreja Católica e ver com que ânsia as massas seguem, buscando não sabem o quê, ficamos desconsolados e imaginamos como o nosso povo (grifo meu) pode olhar com complacência para o catolicismo, pois de fato ele é o mesmo em qualquer lugar. Nos Estados Unidos ele é refinado e as cerimônias são escondidas na igreja, e não ostentadas pelas ruas, como acontece aqui. Sabemos que as massas avançam cegamente, sem saber para onde estão se dirigindo, e nós não temos o poder para conduzi-las.* (p.87)

Quando esta carta foi escrita já fazia **oito anos** desde a sua chegada às terras brasileiras, e apesar do respeito que demonstrava ao conhecer as celebrações católicas sua opinião sobre a religiosidade continua extremada e incisiva em suas críticas. Na perspectiva da educadora o catolicismo continuava sendo um mal para o país. Vale notar a sua referência ao povo brasileiro como *nosso povo* o que pode significar uma identificação com os brasileiros ou mesmo um sentimento de pertença a este lugar onde dedicara sua vida, a fim de mostrar-lhes a “verdade” do Evangelho.

Sobre a identificação com os brasileiros, em uma de suas primeiras cartas, datada em **setembro de 1881**, quando descreve a cidade de Piracicaba, ela termina dizendo que esta era a sua cidade e que ela seria muito feliz aqui. Oito anos depois o povo brasileiro já era o seu povo.

Entretanto este trecho pode nos mostrar talvez um desânimo em relação ao seu trabalho de evangelização, e ainda a diferença apontada entre Brasil e Estados Unidos. Embora o catolicismo seja o mesmo em todos os lugares, nos Estados Unidos ele era mais refinado. A ostentação que acontecia aqui, ao contrário do que acontecia em seu país, se dá simplesmente pelo fato do Brasil ser um país oficialmente católico e os Estados Unidos não. Parece-nos que esse detalhe não é levado em consideração na sua crítica ao catolicismo nem tão pouco a religiosidade popular que levava as celebrações para as ruas, aspecto que marca a sociabilidade dos brasileiros, o encontro uns com os outros e a busca de alívio para as desventuras cotidianas.

As celebrações eram vistas como ostentação de uma religião idólatra sem o refinamento civilizado dos americanos. O catolicismo americano segundo ela era mais

refinado porque se limitava ao interior dos templos e não circulava livremente pelas ruas, expressos em crenças populares como no Brasil.

Em carta não datada, publicada em **abril de 1890** encontramos uma alusão de Martha Watts a Proclamação da República. *O Brasil está indo para frente, e devemos seguir com ele, carregando a religião do Evangelho, pois os líderes não percebem a necessidade de eles próprios o buscarem. Eu não escrevi sobre a República, mas digo que a vida tem tido um sentido maior no Brasil desde 15 de novembro de 1889. Desde 7 de janeiro – dia da oração pelas nações – todos os homens são livres para louvar a Deus de acordo com o que dita suas próprias consciências neste Brasil beato e dirigido por padres. “Glória a Deus nas alturas!”*. (p.90)

O tema da Proclamação da República, como ela mesma afirmou, não foi comentado acirradamente por ela, este trecho apenas cita tal fato associando ao tema que parece mais importante para educadora – a religiosidade do país. Segundo Martha, o Brasil estava caminhando, indo para frente, isto é, progredindo e a religião protestante, chamada por ela como *religião do Evangelho*, deveria acompanhar tal progresso. O sentido maior que a República trouxe, nas palavras da missionária, nos indica que foi a separação Igreja/Estado, o que tornou todos os homens livres para seguir a religião que melhor aprouver sua consciência. Sua fala termina com uma crítica dura – *neste Brasil beato e dirigido por padres*.(p.90)

Quando Martha Watts cita a necessidade de carregar a religião do Evangelho, ela demonstra a carga ideológica protestante em seu discurso, de acordo com suas palavras a Igreja Católica não era uma religião do Evangelho. O Brasil é para ela um país beato e além do mais dirigidos por padres. Esta nos parece ser uma das suas representações de Brasil.

Através de suas cartas e seus comentários sobre a religiosidade do país, podemos perceber que a imagem que Martha Watts tinha do Brasil desde aqui chegou era de um país idólatra e beato. O catolicismo referendava o atraso, a superstição e a ignorância do povo brasileiro, por isso precisava urgentemente da pregação protestante do Evangelho, esforço que ela não abandonou desde aqui chegou. Carregou em todo o tempo o objetivo que a trouxe para cá - Evangelizar o Brasil.

2.4 MARTHA WATTS E OS COSTUMES DOS BRASILEIROS

Em sua primeira carta datada de **maio 1881** Miss Martha Watts demonstra sua primeira impressão do Brasil quando chega ao Rio de Janeiro. Ao observar o lugar ela diz: (...) *há uma classe de seres humanos cujas condições apelam aos nossos mais profundos sentimentos, e clamam por nossa caridade cristã* (...) (p.21). Deste modo, ela idealiza um lugar que possa ser limpo e aconchegante para abrigar essas pessoas que vivem pelas ruas, segundo ela deve ser *“um lugar onde todos aprenderão as virtudes da verdade, da pureza e da honestidade, e a seguir o caminho da salvação”*. (p.22)

Neste texto ela está fazendo um apelo às mulheres americanas para que exercitem o dom da maternidade e se envolvam nesta missão. *Que trabalho mais adequado pode ter nossas mulheres que salvar as almas de criancinhas, e ensiná-las a viver como úteis cristãos?* (p.22) Ainda pede ajuda financeira a Igreja mãe para este empreendimento considerado por ela tão nobre e necessário diante da situação de pobreza, miséria e ignorância que ela observou nas ruas do Rio de Janeiro.

Neste primeiro contato da missionária com os costumes dos brasileiros, observamos a imagem que a mesma tinha do Brasil, que nos parece também ser a idéia dos seus conterrâneos, os amigos a quem ela quer tranquilizar sobre a comida brasileira. No entanto, é preciso transportar nossa análise ao tempo histórico a qual ela faz parte, pois como aponta Chartier (1988): *“É necessário devolver o indivíduo a sua época, pois quem quer que seja não pode ser subtraído das determinações que regulam o seu modo de pensar, no seu tempo e espaço”*.

Deste modo, não podemos julgar Martha Watts por pensar que a civilização não havia chegado ao Brasil e tratava-se de um povo selvagem capaz de comer comida crua, pois essa era sua constituição enquanto americana que se pensava mais civilizada e modernizada que os brasileiros.

Sobre isso escreve Mesquida:

“as mulheres metodistas estavam convictas de que sua vocação consistia em transformar suas irmãs pagãs ou instruídas numa falsa religião em mulheres civilizadas e cristãs. Acreditavam também que somente a ação educativa poderia mudar os hábitos e o modo de vida das comunidades atrasadas”. (MESQUIDA, 1994)

O Brasil fazia parte deste grupo de comunidades atrasadas que poderia ser mudado através da disseminação do ideal protestante de civilização.

Suas primeiras impressões sobre os alimentos consumidos no Brasil naquela época estão demonstradas em sua carta datada em **julho de 1881**. Neste escrito Martha Watts procura tranquilizar os seus amigos quanto ao fato de não estar comendo comida crua. *Temos “farinha”, preparada da raiz da mandioca, mas é cozida. Há um preparado de milho que possui a aparência de comida crua, porém não é cru.* (p.24).

Ela continua sua descrição demonstrando o etnocentrismo em seu discurso. Sobre outras comidas ela afirma: *Temos muitas qualidades de frutas, porém, não são tão boas como as que temos em casa. Temos ótima carne bovina, porco fresco, manteiga e, quando temos acesso, pão assado; porém preferimos fazê-lo quando conseguimos leite. A comida do país é arroz, farinha e feijão. Este último é tão genericamente utilizado que, em vez de dizer que alguém não vale o “sal”, eles dizem que não vale o “feijão” que come.* (p.24)

Segundo Luiz Felipe de Alencastro e Maria Luiza Renaux, em *Histórias da Vida Privada no Brasil*, na Colônia e no Império predominavam nas refeições o feijão e a farinha de mandioca e de milho como constatou Martha Watts em sua descrição. O pão no interior era raro, no entanto na cidade do Rio de Janeiro, e, sobretudo na corte o pão era mais comum. Por isso Martha comenta a necessidade de providenciar um fogão melhor ou construir um forno, pois era mais barato fazer o pão em casa. *Temos na também na cozinha um fogão brasileiro que nos servirá até que tenhamos um melhor. Como é mais barato fazer o pão do que comprá-lo, compraremos um fogão ou construiremos um forno.* (p.30)

A necessidade de Martha em comentar sobre a necessidade da aquisição de um fogão se dá pelo fato de que no Brasil oitocentista, segundo Alencastro (1997) os fornos brasileiros apresentavam-se bastante toscos: uns buracos de tijolo em que não havia nem grelha. Em meados do século começam a aparecer fornos de ferro que poderiam ser usados por escravas e negras livres.

Ainda nos seus comentários sobre os brasileiros e seus costumes ela diz: *Nossa cozinheira parece saber preparar todos os pratos brasileiros e está evidentemente ansiosa em nos agradar; entretanto outro dia, quando lhe declaramos que gostaríamos que o assoalho fosse esfregado, ela disse que não sabia como. Disto nos inferimos que os brasileiros preocupam-se mais com o conforto interno do que com o externo. Eu ainda não posso escrever muito sobre o povo, pois ainda não os conheço muito bem enquanto povo. Dizem que suas casas são sujas, assim como suas relações de negócios, mas não temos testemunhado nada disso* (p.24).

Verificamos neste trecho da sua carta certo cuidado em não julgar os brasileiros, muito do que ela sabia era de ouvir falar e não de conhecer de perto. No entanto ao observar a cozinheira, os americanos, concluem que o fato da cozinheira não saber limpar o assoalho evidencia que os brasileiros estão mais preocupados com o alimento interno, e não com o aspecto externo, ou seja, a aparência de limpeza e higiene era desprezada pelos brasileiros.

Entretanto não é possível tirar conclusões a partir da vivência com um brasileiro apenas, no caso a cozinheira. Por isso mais à frente ela parece retificar a sua conclusão dizendo que não conhece o povo tão bem assim para tirar conclusões precipitadas. Por isso ela diz: *De qualquer forma, não acho que todas as pessoas más do mundo estejam no Brasil, e à medida que for me inteirando poderei contar sobre suas virtudes. Eles são infelizes de qualquer forma, por terem um Estado que tornou-se extremamente corrupto nas mãos de seus líderes (...) Deus garantirá que vivamos na plenitude de sua luz, que eles receberão de nós!* (p.25)

Na sua visão, mesmo não conhecendo bem os brasileiros ela julga-os como infelizes de qualquer forma por causa da corrupção que desde então fazia parte da realidade brasileira. A corrupção para Martha tem aqui uma relação com o pecado, que significa o distanciamento de Deus, a ausência de uma fé genuína, o apego ao profano em detrimento do sagrado, ou seja, a falta da luz e da santidade do protestantismo.

Como já apontamos, Martha chegou ao Brasil no mês de **março de 1881**, esta carta a que nos referimos foi escrita **em julho do mesmo ano**, isto pode significar, que ela ainda não tinha conhecido suficientemente o Brasil, ou mesmo Piracicaba para tirar conclusões sobre o país. Por isso podemos avaliar que muito do que ela estava vendo e escrevendo já está embutida a representação que ela já trouxe quando veio pra cá. Quando inicia a frase com a palavra “(...) Dizem...”; nos dá a idéia de que ela já havia ouvido de antemão sobre o Brasil e nos parece que foram más notícias. No entanto, só à medida que ela iria conhecendo as pessoas poderia contar sobre suas virtudes. Em todo caso, podemos observar sua percepção do Brasil como um país católico, por isso ignorante, com um Estado corrupto e por isso com um povo infeliz, carente da pregação protestante do Evangelho.

É interessante notar que sua visão missionária passa pela idéia de que a luz do conhecimento vem de Deus e este é a mola propulsora da ação educativa. Esta ação tinha o intuito de pregar o Evangelho, e passar um modelo de educação que pudesse iluminar toda a sociedade, a fim de que esta seja mais digna, justa, honesta.

Num outro momento, em carta escrita e datada em **14 de janeiro de 1882**, após descrever com detalhes a uma procissão que assistiu em São Paulo, Martha faz um apelo às

senhoras leitoras do Advocace. *Queridas irmãs, as senhoras pensam que escrevo meramente para interessá-las enquanto as senhoras lêem sobre estes costumes estranhos (grifo meu) dos brasileiros? Longe de mim usar de tempo precioso para isso. Escrevo sobre estes costumes como um apelo às senhoras, mães, que têm filhas consagradas, que elas sejam objeto das orações e bênção de vocês, e que as senhoras enviem para mim essas jovens que se entregaram ao Senhor para fazer a sua vontade – não devotarão elas seus dons a fim de ajudar a carregar a responsabilidade do protestantismo nesta terra?(p.40)*

A intenção da missionária de relatar às suas leitoras sobre tudo que estava vendo e sentindo no Brasil, era para sensibilizá-las a enviar mais recurso e pessoas à missão. A sua fala a respeito dos costumes dos brasileiros nos sugere certo tom pejorativo, de alguém que tem uma auto-imagem construída nos pressupostos de uma civilização que se julga superior.

Os costumes dos brasileiros são visto como estranho e sem necessidade de gastar tempo lendo sobre eles, o objetivo unicamente é de informar, para que mais pessoas pudessem se envolver no projeto missionário a fim de transformar tais costumes. Na visão da educadora quanto mais pessoas e recursos melhor seriam para que o projeto de evangelização se concretizasse, tornando o Brasil uma nação civilizada.

Lendo ainda sobre os costumes dos brasileiros, Martha comenta sobre a prática dos comerciantes de enviar os produtos à casa das pessoas para que elas pudessem escolher e comprar. *Bem, bem, o que aquele homem está fazendo com aqueles guarda-sóis? Sem dúvida sua senhora quer um novo para o passeio da tarde e o mandou à loja, como é costume, o comerciante enviou o seu estoque para que ela pudesse escolher.* Sobre isso ela comenta: *Como é fácil sentar-se em casa com um vestido caseiro, e ter a “loja” trazida para si! Eu imagino que as mulheres nunca vão à loja por aqui.* (p.43)

A constatação da educadora quanto aos costumes das mulheres de ter os produtos das lojas trazidos para casa é apontado por Gilberto Freyre em sua obra: *“Sobrados e Mucambos”* onde o mesmo nos informa que as mulheres na época do império pouco ou quase nunca saiam de suas casas. O patriarcalismo brasileiro, vindo dos engenhos para os sobrados, não se entregou logo à rua, por isso as mulheres quase não saiam de suas casas para compras, recebiam as lojas em casa através dos comerciantes ou dos mascates. ainda afirma: FREYRE (1968) *“As lojas mandavam aos sobrados seus chapéus de abrir e fechar, suas botinhas de duraque, suas fitas (...)”*

As observações descritas por Martha se dão nos primeiros meses de sua chegada ao Brasil. Ela está observando o movimento da cidade de Piracicaba em vários domingos no caminho de ida e volta da Igreja e como ela mesma afirmou, da janela da Igreja. Esse era o

seu objetivo nos primeiros momentos de contato com a realidade brasileira. Através do seu olhar ela descrevia aos seus conterrâneos sobre o país.

Observar, olhar, investigar era a intenção de Martha Watts, é o olhar o estrangeiro ao Brasil do século XIX. Temos aí literalmente a ação do olhar desta educadora estrangeira. Ela escreve uma carta para especificamente relatar suas observações. Martha olhando para o outro; este “outro” estranho e desconhecido - que fatalmente produzirá no observador curiosidade, crítica, espanto, julgamentos, enfim diversos sentimentos produzidos pela sua auto-imagem e pela auto-imagem do povo americano - é o objeto da curiosidade da educadora. Segundo Todorov (1983) “*somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão lá e eu estou aqui, pode realmente separá-los e distingui-los de mim*”.

Os costumes dos brasileiros vão causar tanto curiosidade quanto estranheza à visão da educadora. Uma simples saudação de um homem passando pela porta da igreja lhe chama a atenção. Os seus comentários nos mostram as minúcias de sua observação. Pequenos detalhes como uma saudação é comentada em suas cartas para informar da melhor maneira possível às suas leitoras sobre o país: *Veja isto, os condutores tiram seus chapéus com reverência ao passar pela porta. Mais à frente ela novamente cita este costume: Eu me pergunto porque os homens tiram seus chapéus quando passam por essas janelas. É para nós? Ou é para o local do culto? Devo perguntar sobre isso quando puder falar com eles. A senhora sabe que é costume nesse lugar para cavalheiros de boa educação saudar as damas que passam?*(p.44) É certo que ainda Martha Watts não falava o idioma do lugar e por isso disse que quando pudesse perguntaria sobre tal costume que lhe despertou a curiosidade.

2.5 MARTHA WATTS E A CIDADE DE PIRACICABA

Um piracicabano curioso em conhecer melhor sua cidade em meados do século XIX se surpreenderá com a descrição desta educadora estrangeira. A riqueza de detalhes que Martha se atém para informar suas leitoras sobre a cidade na qual ela se instalou para construir a escola metodista, é surpreendente. Tanto que quando andamos por Piracicaba de hoje, principalmente na região central e áreas próximas ao rio podemos voltar ao tempo e ter uma idéia da descrição de Martha.

No começo do Século XIX Piracicaba era chamada de Vila da Constituição. Martha informa esse detalhe a suas leitoras. *O nome antigo da cidade era “Constituição”. Talvez*

vocês encontrem este nome no mapa (p.31). Segundo Mesquita (1992) a cidade se assemelhava a uma aldeia medieval, onde animais eram criados soltos nos quintais, nos pastos, nas ruas, sem qualquer delimitação entre uma área e outra. No entanto, a partir de meados do século com o crescimento da agricultura cafeeira a cidade começou a sofrer transformações com o crescimento da vida urbana. Assim, quando Martha Watts chegou aqui à cidade estava crescendo e com ótimas perspectivas para o futuro.

A respeito da cidade de Piracicaba, Martha Watts descreve sua percepção, em uma das primeiras cartas enviadas aos Estados Unidos. A sua descrição traz riqueza de detalhes de alguém que procurou mesmo conhecer o lugar ou ao menos se inteirar da cidade que ela iria daquele momento em diante morar.

Em carta datada em **setembro de 1881** ela dedica o seu texto a descrever a cidade de Piracicaba, em outras cartas ela já não se preocupará em dar mais detalhes sobre o lugar.

Ao ler suas cartas compreendemos que ela já tinha uma imagem do Brasil e até mesmo da cidade de Piracicaba, imagem construída a partir do que ela tinha ouvido sobre o lugar. Se pensarmos que representação tem a ver também com aquilo que imaginamos, ou seja, com as imagens que construímos a partir do que ouvimos e aprendemos, encontramos nas suas falas o que ela imaginava da cidade.

Quando aportou na Bahia ouviu falar que Piracicaba era uma das cidades mais belas do interior. Ao ouvir isso ela mesma afirma que imaginou casas com telhados altos e janelas pequenas, com belas palmeiras franjadas, cactos, bananeiras e todos os tipos de plantas tropicais e grandes jardins com frutas e flores. Ela diz: *“Essa idéia era, sem dúvida, uma reprodução do que eu havia visto no subúrbio da Bahia e parte do que me lembrava de Lisboa”*. (p.31)

A imagem de Lisboa e Bahia se dá pelo fato de Martha ter passado nestas cidades portuárias, parte do itinerário do navio que vinha ao Brasil. Ela saiu de Nova York, passou por Lisboa e depois Bahia, por isso sua imaginação ao longo da viagem levou-a a pensar como seria Piracicaba.

Sua descrição é detalhada de tal forma que ela descreve a localização, a paisagem, colinas, climas, números de habitantes tipos de roupas, etc. Interessante notar como classifica os habitantes: *(...) são vinte mil almas* (p.32). Ainda na descrição da cidade ela conta sobre o comércio, número de lojas, de farmácias, bares. Adiante relata sobre o moinho de algodão que seria uma fonte de trabalho para homens, mulheres, meninos e meninas. Seguindo sua descrição ela conta sobre as casas e aponta certa crítica por ter achado as residências não

muito confortáveis: *“Não existem chaminés, pois não existem lareiras internas. Imagine só estas casas sem conforto e sem fogo”*. (p.34)

Para ela casas confortáveis eram aquelas que possuíam lareiras como nos Estados Unidos. No entanto, num país tropical e numa região onde o frio não é tão rigoroso o uso da lareira é com certeza desnecessário.

Entretanto, ao descrever a cidade ela conclui que Piracicaba não era bem como ela pensava ou havia imaginado. Ela achou *as casas pequenas o que encaixava na idéia brasileira de conforto, porém um americano não ficaria satisfeito com tais casas*, (p.34), pois a idéia do americano de conforto possivelmente era mais apurada, ampla, requintada. O texto nos sugere pensar que o ideário do brasileiro era pequeno, “limitado talvez”.

Os móveis das pessoas eram em sua visão, *feios e escassos*. Os jardins eram nos fundos das casas por isso não eram visíveis, embora houvesse árvores frutíferas, poucas eram as decorativas. Assim, ela conclui que não era nada do que havia imaginado. *Agora, você não acha que eu tinha motivos para desapontar-me? Eu não tenho dúvida de que esta é uma das mais belas cidades “do interior”, mas não é o que eu havia imaginado*. (p.34) No entanto, Miss. Martha Watts termina a carta afirmando que Piracicaba era sua cidade e que ela seria muito feliz neste lugar. *Agora caras amigas, o que acham de “minha cidade”, como eu já a chamo? Já me sinto muito ligada a ela e pressinto que serei muito feliz aqui*. (p.35)

Observamos nesta carta, a idéia que ela tinha da cidade e depois a mudança ao entrar em contato com o lugar. A representação de cidade de interior que ela trazia era baseada como ela mesma afirmou, em cidades de Lisboa e até mesmo da Bahia por onde havia passado. Sua percepção pode ser entendida a partir do pressuposto de que ela tinha uma imagem presente que dava sentido ao ausente.

Porém, ao entrar em contato com o ausente que se torna presente pela vivência e conhecimento, a percepção muda a ponto de decepcioná-la, pois a cidade de Piracicaba, sendo do interior tinha outras características apontadas por ela como negativas, pois sua representação de cidade do interior era bem diferente do que ela havia visto.

Em outra carta publicada em **outubro de 1884**, Martha faz comentários sobre os progressos da cidade fazendo alusão à presença da escola como um motivador para a melhoria da mesma. Inclusive a construção do Colégio Jesuíta juntamente com o Colégio Piracicabano estava incentivando a melhoria das ruas aos arredores da escola. (...) *esta, juntamente com a nossa escola, acrescentou considerável importância para nossa rua. Desde que chegamos aqui a rua foi nivelada e pavimentada, recebeu iluminação com distância convenientemente*

planejada entre as lâmpadas, as casa antigas estão sendo submetidas a reformas, o que está tornando o local um ponto importante da cidade. (p.71)

É interessante ressaltar que a construção da escola vai conferir importância para a cidade e conferir progresso à mesma. Talvez a construção dos colégios tenha motivado as autoridades a melhorar ainda mais o lugar. Martha nos fala em suas palavras sobre os progressos da cidade e a sobre a participação da escola neste progresso.

De maneira geral, a cidade está melhorando e agora tem mais habitante (...) Já há uma fábrica de sabão e velas. As mercearias estão aumentando seus estoques e filiais também. Veja que nós ajudamos a melhorar o local do ponto de vista temporal, mas isso não é tudo. Do ponto de vista social, nossa presença é sentida (...). (p.71)

Para Martha as melhorias estavam acontecendo no plano temporal e social e não espiritual como ela gostaria. Os frutos colhidos ainda não são suficientes, mas, de tempos em tempos, vislumbro a flor em botão e me encorajo. Que Deus mantenha minha fé, que eu sempre tenha esta fé, veja ou não os frutos!

2.6 MARTHA WATTS E A EDUCAÇÃO

A História da Educação no Brasil não pode ser contada sem que seja citado o nome de Martha Watts. As suas cartas vão evidenciar em todo tempo sua preocupação com a educação, o meio mais eficaz para transmissão do Evangelho e dos valores de uma sociedade republicana e moderna. A Educação Metodista, na pessoa desta educadora como vimos, teve sua contribuição nesta busca pela modernização do Brasil no final do século XIX.

Sua primeira alusão ao tema da educação se dá no contexto das primeiras cartas, quando ela descrevia a cidade de Piracicaba aos seus leitores. *“Aqui existem duas escolas públicas – uma para garotos e outra para garotas, e um grande número de escolas privadas, onde as crianças estudam juntas, e tão barulhentemente que podem ser ouvidas a uma quadra de distância”* (p.33)

Em carta datada em **novembro de 1881**, Miss Martha Watts escreve contando sobre a abertura da escola. *Nós abrimos nossa escola no dia 13 de setembro, e uma aluna apareceu, apesar de que tínhamos carteira para dezoito, e receávamos que elas não fossem suficientes* (p.36). Apesar do relatório desanimador, pelo fato de ter apenas uma aluna na abertura do colégio, Martha apela para sua fé, o sustentáculo de sua ação. *Nossa fé se mantém e estamos*

avançando em nossos preparativos para o futuro, com a certeza de que deveremos ter trabalho suficiente após algum tempo. (p.36)

O nome do colégio poderia receber até mesmo o nome da educadora como ocorreu em outros colégios metodistas que receberam nomes de pessoas importantes em sua história. Contudo o Colégio recebeu um nome que identificava-se com o nome da cidade – O Piracicabano. Esta identificação com a o nome da cidade pode ter sido uma estratégia para melhor aceitação por parte dos habitantes sugerindo que todos os piracicabanos faziam parte desta história e o Colégio era para engrandecer ainda mais o lugar. A escola não era da Martha Watts ou dos metodistas, mas da cidade de Piracicaba.

A educadora cita em seu escrito o que ela pensava ser o motivo da pouca adesão nos primeiros dias de funcionamento da escola. *Nós somos estranhos e protestantes, e a cidade está cheia de escolas e professores, que ensinam a preços excessivamente baixos, e a probabilidade é de que teremos que esperar algum tempo para termos uma escola grande, pois somente alguns que dão valor a um sistema de educação melhor do que o fornecido por estas escolas nos darão suporte.(p.36)*

Este trecho da carta demonstra a dificuldade de aceitação dos protestantes pela população da cidade, além de serem estranhos, desconhecidos e estrangeiros faziam parte de uma outra religião, o que afastava as pessoas, principalmente àquelas mais conservadoras de confissão católica romana. Vale recordar que após a Independência, com o Ato Constitucional de 1824, surgiu a possibilidade de abertura de escolas privadas, dando o direito de ensinar para particulares, religiosos ou leigos. Deste modo Martha aponta como obstáculo às escolas particulares e os professores presentes na cidade, que além de cobrar mais barato não possuíam um sistema adequado de ensino.

As pessoas a quem ela se refere, que dariam suporte a escola, por desejarem um sistema de educação melhor do que era oferecido aqui, foram num primeiro momento a família Moraes Barros e outros republicanos na cidade. Tanto que o Jornal A Gazeta, um órgão republicano estava sempre presente nas atividades importantes do colégio, como o exame público realizado a cada final de trimestre, para informar a população sobre os progressos do Colégio Piracicabano e o quanto esta instituição era importante para o progresso da cidade.

Apesar da abertura do colégio ter parecido um pouco desanimadora a educadora permaneceu firme em seus propósitos recebendo o apoio financeiro e espiritual da igreja-mãe. Em **março de 1882** ela escreve dizendo: *Nossa escola está crescendo – temos treze alunos agora, e estou pedindo ao Senhor por cada um deles. (p.45)*

Nas suas cartas Martha Watts relatava todas as atividades do colégio e como a imprensa local estava elogiando os progressos que o ensino americano estava trazendo ao Brasil.

“A Gazeta que tão gentilmente tomou notas e as publicou no ano passado fez o mesmo este ano, mas por outras mãos”.(...) Depois de algumas observações, o autor diz: “Onde a educação é semeada e onde ela encontra meios favoráveis de desenvolvimento, o povo tem razões justas para se orgulhar”, e ele considera que o povo de Piracicaba pode se considerar entre esse número” (...) ele finaliza com palavras gentis de encorajamento, para que sigamos em frente a despeito das idéias preconcebidas que ainda existem, mas que deverão ser dissipadas sob os raios do grande sol – o conhecimento. (pp.64-65)

A respeito da reportagem Martha Watts comenta: *Ele não sabe que a força na qual confiamos para dissipar a escuridão destas idéias preconcebidas é Ele, que é a sabedoria e conhecimento, e que é sob a luz de Seu estímulo que a ignorância e a superstição irão desaparecer. Ele (o jornalista) não sabe disso, nem sabe como aprender, e não saberá até que o grande iluminador de corações tenha entrado no coração dele, para estas coisas serem espiritualmente discernidas. (p.65)*

Quando Martha Watts comenta das idéias preconcebidas, é possível que esteja se referindo ao ensino oferecido pela Igreja Católica, considerado pelos missionários como ultrapassado e mantenedor da ignorância.

A luz do conhecimento era trazida por esses estrangeiros que baseados na crença do destino manifesto, e da organização social a partir de uma ética cristã protestante visavam transformar as pessoas, seus costumes, seus hábitos, suas crenças levando-as ao desenvolvimento, intelectual e espiritual. Essa transformação social seria possível através da evangelização e educação protestantes, que propagavam um ascetismo prático, onde a participação na sociedade e a transformação da mesma se dão através do estudo da gramática, álgebra, aritmética, cosmografia, geografia, física, astronomia, história geral e do Brasil entre outras disciplinas e principalmente pelo estudo da Bíblia. Todo aprendizado é possível através do Grande Iluminador o Espírito Santo.

A salvação para os protestantes estava relacionada à apropriação do conhecimento espiritual e secular, que levaria o ser humano a ter boas maneiras, ser higiênico, honesto, trabalhador, enfim, um ser humano civilizado. Mesquida (1994) afirma que o metodismo desenvolvia, portanto, sua obra educativa na crença de que ela era a expressão cultural de uma “civilização triunfante”.

O projeto educacional metodista veio atender às necessidades das pessoas mais abastadas da sociedade, pois este público gostaria de garantir aos seus filhos e filhas a educação progressista e moderna vinda dos Estados Unidos. Esta idéia pode ser verificada nas palavras de Martha Watts quando ela cita as palavras do professor Omparet que escreve ao jornal da cidade: *No Domingo, o artigo escrito pelo Prof, Omparet apareceu, e toma uma página do jornal: No dia 11, às 10h30 da manhã, na espaçosa sala, estava reunida uma sociedade brasileira seleta das mais elegantes damas e distintos cavalheiros (...). Nós não exageramos em dizer que o estabelecimento, sob sua direção é o primeiro na Província de São Paulo; e esperamos em pouco tempo ver uma procura por parte dos pais que desejam dar a suas filhas uma educação verdadeira – isto é, uma educação que veja além do memorize, memorize sem fim e universal.* (pp.50-51)

Através dos apontamentos da Miss. Martha Watts; verificamos que o sistema americano de ensino era considerado por uma parte da sociedade, mais avançado e de acordo com os progressos da época. Na relação de interdependência entre grupos que buscam o poder e a manutenção do mesmo, temos os republicanos e liberais de um lado e os protestantes buscando o seu espaço do outro. Neste encontro de interesses está também Martha Watts estabelecendo estratégias para ganhar a confiança das pessoas, bem como o seu espaço na cidade.

A amizade conservada com a família Moraes Barros pode ser entendida como uma estratégia para o seu envolvimento com a sociedade brasileira e a melhor difusão do seu ideário. *Eu tenho planos de passar uma semana no campo com a família do Dr. M.de M. Barros e, quando voltar devo colocar a escola em ordem para o reinício das aulas no dia 15 de janeiro.* (p.53) O relacionamento próximo de Martha com tal família fica explícito neste trecho da carta.

Acreditamos ser interessante citar o fato de que o editor chefe do Jornal A Gazeta ser o Dr, Manoel de Moraes Barros, um dos líderes do Partido Republicano que deu total apoio à educação metodista em Piracicaba. *Devo também lhes dizer que o presidente do Conselho da Cidade é um bom amigo nosso – Dr. Moraes Barros – e também editor da Gazeta. Ele falou de nossa escola de forma muito cortês em seu jornal (...).* (p.55)

Deste modo, temos um encontro de interesses da classe republicana que desejava um sistema educacional inovador, moderno, qualificado e progressista com o interesse da Sociedade Missionária de Mulheres que desejava através da educação evangelizar os países considerados atrasados.

O fato é que os republicanos de Piracicaba poderiam contar com o apoio de uma educadora capaz de levar avante o ideário liberal da educação, mediante a luta pela emancipação feminina na educação e no trabalho.

Miss Martha Watts, propõe através da prática educativa uma nova visão de sociedade que deveria ser educada nos moldes do cristianismo protestante para que pudesse progredir. Assim, uma sociedade cristã era uma sociedade educada e civilizada, e isto só seria possível através da educação e evangelização, conceitos intrinsecamente ligados na concepção do protestantismo missionário na qual Martha Watts fazia parte.

Embora recebesse apoio da ala liberal e progressista da sociedade, o Colégio recebeu duras críticas da ala católica, conseqüentemente mais conservadora. (...) *o padre sentiu que deveria agir e começou a pregar e escrever contra nós. O fato de esta ser a melhor escola da província era demais para ele, pois na querida cidade de Itu as Irmãs de Caridade dominam.* (p.53) (...) Nesta mesma carta ela faz críticas ao ensino oferecido por estas irmãs de Itu sobre isso ela escreve: *Tenho certeza de que seria difícil acreditar nas histórias sobre a ignorância daqueles alunos, assim como o foi para mim, mas agora tive a oportunidade de ver por mim mesma, quando alguns deles vieram para nossa escola. A questão é: como meninas que receberam ensinamentos dos professores por tanto tempo não aprenderam mais? E como ficou a consciência das mulheres que fingiram ensinar e não ensinaram.* (p.53-54) Neste comentário Martha critica claramente o ensino oferecido pelas Irmãs de Itu. Pode-se pensar que para ela o ensino era uma missão, uma tarefa delegada por Deus, um sacerdócio, por isso inadmissível que não fosse feito de formas rigorosas e correta em sua visão.

Martha comenta ainda nesta carta sobre a abertura de um novo colégio pelos jesuítas, uma filiar da antiga escola de Itu. *Eu estava lá. Havia uma grande diferença, mas se eu fosse comentar a respeito, poderiam achar que estou agindo com preconceito.* (p.55)

Em carta datada em **6 de julho de 1883** Martha comenta sobre o sucesso da escola: *Apesar de todas as dificuldades, a escola aumenta constantemente em números e se fez notar na cidade; e, apesar de haver desistências o número chegou a trinta.* No entanto o que preocupa a educadora é o lado espiritual da escola, aspecto mais importante para ela do que qualquer outro. *Nossa escola está muito bem financeiramente e intelectualmente; poderiam vocês, caros amigos, rezar para que ela siga bem espiritualmente.* (p.57) O aspecto espiritual é sem dúvida o mais importante, pois a missão da escola, além de proporcionar a educação forma, tinha como objetivo propagar a fé protestante *Espero que a longo prazo o trabalho no internato seja o trabalho missionário, feito pela escola ou pelos “semeadores” e “ceifeiros”*

em nossa casa. Acho um trabalho precioso educar as meninas para que elas saiam e ensinem o seu próprio povo.(p.57)

A intenção de alcançar as mulheres era a meta da missão da escola metodista, embora em anos posteriores a co-educação fosse realidade no Colégio Piracicabano.

A educação da mulher era privilegiada justamente porque a Sociedade Missionária de Mulheres que financiou tal projeto objetivava a educação das mulheres, pois as educando elas ensinariam melhor os seus filhos e, conseqüentemente, o país poderia se desenvolver dentro dos princípios da fé protestante e dos ideais de civilização embutidos nos projetos educacionais dos metodistas. Além do mais, essas mulheres poderiam se libertar do jugo masculino podendo prover o seu próprio sustento.

Nesta perspectiva educacional em prol da mulher, Martha Watts contou com o apoio de Mlle Rennotte, sobre ela nos fala Zuleika Mesquita:¹⁶

O interessante é que Marie Rennotte não era missionária, mas foi particularmente associada às representações de liberdade, progresso e inovação que acompanhavam os protestantes americanos à época, pois, além de professora e cientista, era escritora e polemista não hesitando em difundir em artigos da imprensa local e da capital a sua visão crítica da educação feminina da época. (MESQUITA, 1994)

Em carta datada em agosto de 1884, Martha nos mostra sua preocupação com as mulheres e sua parceria com Mlle. Rennotte, uma mulher comprometida com a causa feminina na época. *Mlle Rennotte fez algumas observações sobre a emancipação da mulher, fazendo alguns comentários no início sobre a necessidade de “liberdade” em todas as leis físicas e levando ao máximo sua idéia de liberdade feminina. As mulheres aí na América clamam pelo direito ao voto, mas aqui a necessidade é de liberdade. Um senhor disse, que há não muito tempo, que “quinze anos atrás, a mulher não existia no Brasil”; logicamente que ele quis dizer que a posição social da mulher não era reconhecida. Outro comentou ter notado que, quando o Evangelho foi trazido, a condição da mulher melhorou.*(p.72)

Não podemos afirmar que tal projeto se concretizou, mesmo porque a transformação de uma sociedade fundada em princípios rígidos, conservadores e patriarcais só são possíveis em um processo de longa duração.

¹⁶ MESQUITA, Zuleika. Educadora metodistas no século XIX: uma abordagem do ponto de vista da História da Educação. In: Revista de Educação do Cogeime, Ano II, nº20, junho de 2002, p.98.

No entanto é digna de nota a mentalidade destas educadoras, marcadas por uma visão de vanguarda em relação à mulher. Visão esta que buscava a emancipação das mesmas, para que se desenvolvessem e pudessem gozar de sua liberdade.

Fica claro para nós que a condição desfavorável da mulher estava associada à conservação de uma religião idólatra e mantenedora da ignorância e atraso das pessoas. Os próprios pais não pareciam interessados na educação formal de suas filhas, e Martha nos demonstra este fato em um trecho de sua carta que nos traz um tom de crítica a educação da mulher na época: *A maioria das alunas é do primário, pois a maioria dos pais parece pensar que “lê”, “screvê” e “ritmética”, e bem pouco desta última, bastam para uma menina, embora com bem pouca idade ela possa ter de assumir o fardo (?) de um marido e das responsabilidades da sociedade. No entanto, temos algumas meninas que estão fazendo bons progressos, e que, creio poderão assumir um bom lugar em qualquer escola.*(p.79)

Suas palavras nos indicam que um dos objetivos da educação feminina era mesmo a docência. Se são as mulheres responsáveis pela educação dos filhos, os alunos como filhos poderiam se educados por elas como uma forma de educar toda a sociedade, buscando a melhoria da mesma.

É digna de nota a maneira irônica como ela reproduz a fala coloquial dos brasileiros a respeito da educação da mulher neste trecho da carta. O casamento é visto por ela como um fardo de responsabilidades que muito cedo as meninas deveriam assumir. No entanto há exceções, pois nem todas pareciam dispostas a seguir este caminho e a escola estava contribuindo para esta mudança, afinal havia meninas progredindo nos estudos com condições de se tornarem professoras como aconteceu posteriormente.

Neste sentido, a intenção da educação da mulher para Martha ia além do preparo para assumir responsabilidades de um casamento, deveria prepará-las para se tornar professoras também, com condições de prover o próprio sustento.

O objetivo da inserção das mulheres no magistério aponta para a abertura de novas oportunidades há tanto tempo negada. Esta oportunidade poderia levá-las a profissionalização e à emancipação, abrindo novos espaços sociais.

Para isso Martha Watts dá exemplo de total abnegação em prol da instituição. Tal abnegação faz do magistério um sacerdócio, onde mulheres como ela abdicavam do casamento, entendendo que este não devia ser o único papel da mulher. Seus filhos seriam os seus alunos os futuros cidadãos que elas estavam formando. Neste sentido, Martha vai chamar seus alunos de filhos e considerar a escolar e as pessoas que com ela compartilhava do mesmo projeto como Marie Rennotte, sua própria família.

Martha em seus comentários sobre a educação feminina vai comparar a situação da mulher no Brasil ao que ela havia lido sobre os haréns na Índia e ainda comenta sobre a religiosidade deste país, que sem dúvida, era a causa de tal situação. *O culto a algumas divindades é semelhante ao culto aos santos aqui e menos blasfemo, pois não usam o nome do Salvador ou do Espírito Santo. Eu lhes digo que, quando penso na situação espiritual dessas pessoas, anseio ter o poder para quebrar a corrente da ignorância e da superstição e me vejo angustiada lutando de mãos atadas contra um gigante.* (p.73)

A educação da mulher no século XIX estava vinculada às mudanças sociais que permearam todo este século. Este ideal de educação apontava para a modernização da sociedade, a higienização da família e a formação de novos cidadãos republicanos.

Por isso esta proposta foi acolhida pelos líderes republicanos que apoiaram de forma efetiva a vinda dos missionários americanos para abertura de escolas. Embora este ideal estivesse amplamente difundido nas terras além mar, o Brasil estava muito longe deste objetivo, assim Martha vai encontrar muita resistência no seio da sociedade brasileira.

Deste modo, não nos cabe aqui julgar se o objetivo da emancipação feminina foi alcançado por ela, mas é digno de nota o impacto que mulheres estrangeiras provocaram na sociedade quando aqui chegaram. É possível imaginar como causaram burburinhos, especulações e curiosidades essas mulheres solteiras que vinham de tão longe sozinhas para trabalhar em prol da educação em meio a uma sociedade marcadamente patriarcal onde as mulheres eram totalmente privadas dos seus direitos e sua liberdade.

É claro que tais mudanças esperadas por Martha não tenham sido vistas a olhos nus, porém num processo de longa duração, silencioso e misterioso, mulheres como ela apontou novos rumos para a história das mulheres no Brasil.

À medida que Martha vai conhecendo mais sobre o Brasil, e vai entrando em contato com temas cruciais na época como: educação, religiosidade, educação da mulher, escravidão entre outros, ela faz muitos apelos para que a Sociedade de Mulheres se envolvessem ainda mais com a causa do Brasil.

Martha demonstra sempre uma grande defensora da missão que ela era responsável, e por sentir-se responsável pelo sucesso do projeto missionário, usa de vários argumentos para que obter mais recursos e conseqüente criar mais escolas: *O Brasil precisa de muitas escolas. Venham irmãs, me ajudem e aprendam a língua e, como o Senhor está abrindo as portas para nós, vamos entrar e tomar posse em seu nome!* (p.59)

Mais um trecho em que constatamos sua militância e engajamento com o projeto missionário que a trouxe ao Brasil. Observe que é o Senhor que estava abrindo as portas do

Brasil, tomar posse pode significar justamente uma tomada da consciência dos brasileiros para transformá-los em protestantes e civilizados, ou mesmo a demonstração de uma auto-imagem imperialista sendo forjada nos ideais protestantes de civilização, isso em nome Deus o que vinha legitimar tal ação.

Noutra carta, datada em **9 de novembro de 1883**, ela comenta sobre a falha da educação, que diz respeito ao método de ensino em voga no Brasil, baseado na memorização, faz também críticas aos livros didáticos usados aqui. *Existem muitas gramáticas, mas aqueles que possuem uma correta dizem que nenhuma é boa; e o melhor livro de aritmética não é bom. A álgebra e a geometria usadas são obscuras e muito falhas (...)*. Por isso os seus professores usavam livros franceses e ingleses. Outra observação de Martha quanto à educação no Brasil, diz respeito ao método de ensino utilizado aqui. *Um problema que temos ao ensinar aqui é o falho treinamento inicial naqueles assuntos que exigem o raciocínio. Eles estão acostumados a aprender cada coisa de cor e repetem palavras como papagaios; mas se você perguntar a eles o significado, eles ficam perdidos para responder.*(p.61)

Em suas palavras é possível observar o tom de crítica ao método de ensino das escolas brasileiras que era voltado para a memorização, método considerado ultrapassado, por isso sua observação em relação ao atraso dos alunos. Sua constatação parte da sua realidade, pois no final do século XIX já estavam em voga na Europa e Estados Unidos os métodos modernos de educação, baseados no pragmatismo dos filósofos do século em questão.

Ela termina a carta comentando sua expectativa em relação aos seus alunos: *Espero ansiosamente coisas melhores destes que estamos treinando. Quanto à inteligência, acho que eles se comparam bem com crianças de qualquer lugar.*(p.61)

O comentário sobre a inteligência dos alunos nos sugere, que talvez ela tivesse uma representação dos brasileiros como pessoas não muito inteligentes e por isso precisavam ser treinados.

Sendo seu objetivo a evangelização através da educação, seus métodos mesmo modernos de ensino não deixavam de se identificar com o projeto dos antigos colonizadores e educadores, representados pelos jesuítas. Projeto este de catequização das pessoas. Isto pode ser demonstrado em suas cartas quando ela comenta sobre as aulas serem iniciadas com a leitura da Bíblia e oração e terminadas com a oração do Pai Nosso. Comentando sobre um artigo que saiu no jornal gazeta de Piracicaba ela escreve: *“Ele não mencionou que iniciávamos as aulas a cada manhã com a leitura da bíblia e oração, nem que terminávamos com a aula com a oração do Pai Nosso e a bênção (...)*”. E ainda em outro momento ela diz:

Faremos o que pudermos pelos alunos para levá-los a Cristo, ou pelo menos preparar o caminho para a futura geração. (p.50)

No decorrer da leitura de suas cartas, observamos que Martha Watts demonstra em todas as missivas seu grande anseio de levar o Cristo da visão protestante ao povo brasileiro. Durante toda sua estada no Brasil os seus esforços foram para a evangelização que se dava por intermédio da educação. *“Envidamos todos os esforços para elevar nossa escola ao mais alto padrão, bem como desenvolver os melhores traços de caráter em nossos alunos. Temos sempre em mente o único grande objetivo: Ensinar sobre Cristo”.*(p.95)

2.7 MARTHA WATTS E O DRAMA DA ESCRAVIDÃO

O Brasil oitocentista é marcado pela ordem escravista. No final do século XIX, embora houvesse todo um movimento em prol da abolição, o Brasil foi um dos últimos países da América a abolir a escravidão.

Martha Watts vai se deparar com esta realidade e por isso escreve relatando às suas leitoras o que ela vinha a chamar o “drama da escravidão”. Embora seja um texto longo vale a pena transcrevê-lo para tentar resgatar qual a mentalidade da educadora a respeito deste tema. Ela nos conta em sua carta que presenciou um quadro vivo da situação trágica de uma escrava que se dirigia à beira do rio para se atirar junto com seu filho de colo.

A seguir o trecho da carta a respeito deste tema: *Imaginem uma mãe, com uma criança inocente nos braços, brincando com tudo que suas mãozinhas podem tocar. Imagine essa mãe, de pé, em atitude desesperada e desafiadora, o rosto em lágrimas. Um garoto de talvez oito anos agarrado a suas vestes, barrando-lhe a passagem e suplicando em lágrimas. Imagine, completando esta cena, uma senhora idosa, a mãe da primeira, entre protesto e súplicas e ainda outra jovem, irmã da primeira, também em lágrimas. Eu diante desta situação, sentindo-me impotente e muda. Por trás desta cena está o drama da escravidão (...) Infelicidade, insatisfação e vários problemas se seguiram; e esta manhã, a pobrezinha sentiu que a vida era um peso grande demais, deixou sua casa e foi dar um último adeus a sua mãe antes de atirar-se com o bebê no rio. (...) Dizem que o suicídio é muito comum entre os escravos aqui, pois eles são de natureza muito sensível. Eles não agüentam o sofrimento físico, ao que parece. Eles são conhecidos por assassinarem os seus donos a fim de ficarem presos pelo resto da vida, livrando-se da vida da escravidão (...) O incidente desta manhã me*

deu um novo tema para minhas orações. Caros amigos, pensem no Brasil como herança do Senhor e de Cristo, e orem para que ele seja libertado da escravidão que afeta o corpo, e da escravidão da alma.(pp. 37-38)

Martha Watts está presenciando uma realidade bastante presente no final do XIX, quando o país caminhava para abolição do sistema de escravidão. Nesta época já existiam muitos escravos libertos e muitas leis foram feitas para legislar o cotidiano de uma sociedade escravocrata onde circulava vários tipos de pessoas: escravos, escravos libertos, estrangeiros. O tema da escravidão era um assunto amplamente debatido, principalmente por lideranças republicanas e liberais que desejavam a mudança do sistema.

Como ela mesma citou o suicídio de escravos parecia bastante comum naquele momento e isto é o que a incomoda e angustia, pois independente da condição social do individuo todos precisam de uma libertação, que passe em primeiro lugar pelo aspecto espiritual. Novamente aqui observamos que todos os dramas que a sociedade brasileira vivia, na visão da educadora, era a falta da compreensão do verdadeiro evangelho. Por isso a necessidade de mais orações pelo Brasil.

O tom de sua escrita não nos sugere uma preocupação abolicionista, ou algum posicionamento político a respeito da escravidão. Tal incidente como ela mesmo chamou o fato que presenciou parece apenas uma preocupação distante e não de natureza prioritária. Penso que chamar tal fato de “incidente” pode nos sugerir que o episódio por ela presenciado era bastante comum, corriqueiro. Em nenhuma outra carta ela voltou a comentar sobre o drama da escravidão. O que parece incomodá-la mesmo é a escravidão da alma, como ela imaginava estar vivendo os brasileiros, por fazerem parte da religião católica.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCADORA MARTHA WATTS

Martha Watts foi uma das primeiras educadoras metodistas no Brasil, saiu da sua terra natal, do conforto da sua família para se aventurar em terras brasileiras, com o objetivo de semear em uma outra realidade o sonho das mulheres metodistas americanas, sonho este de evangelizar o país em especial as mulheres, para que estas pudessem ser educadas, alcançando assim a emancipação sendo provedores do seu próprio sustento.

As suas cartas, analisadas neste estudo, demonstram que o seu objetivo foi além do pensado, ela foi mais que uma catequista, uma missionária, foi acima de tudo uma mulher comprometida com sua ideologia protestante e com o evangelho social, herança legada por João Wesley precursor do Metodismo na Inglaterra no Século XVIII.

O ser humano é visto por ela na sua forma integral, por isso evangelização pressupunha um envolvimento social que a fez se sensibilizar pelos problemas da sociedade brasileira em relação à mulher, à escravidão, à pobreza, às doenças, etc. Seu objetivo era ajudar as pessoas a sair da escravidão que segundo ela, afetava a alma e o corpo. A libertação apregoada pelos protestantes americanos naquele momento, dizia respeito também a um projeto de civilidade, onde os brasileiros pudessem ser salvos da barbárie e do atraso, caminhando assim para tão sonhada modernidade.

A salvação da alma era acima de tudo livrar as pessoas da escravidão da ignorância, por isso a educação foi o instrumento primordial nesta tarefa, sendo a mesma um dos pilares do metodismo histórico desde João Wesley. A mulher foi o principal alvo desta evangelização civilizatória.

Para cumprir sua missão, Martha desde o início demonstrou ser uma mulher corajosa ao se aventurar num mundo novo e tão diferente do seu. Com certeza a viagem de navio até aqui foi longa e perigosa, e como poder imaginar os sentimentos que a envolveram em todo o trajeto via mar até aqui? Quantas perguntas ela pode ter formulado? Quanta ansiedade ela pode ter vivido? Penso que a coragem foi um dos seus primeiros atributos nesta empreitada.

No entanto, motivada por um sonho e por uma ideologia de levar o evangelho e conseqüentemente a civilização para um outro país, ela chega ao Brasil no ano de 1881 juntamente com tantos outros estrangeiros que aqui aportaram em busca de novas oportunidades.

Suas cartas evidenciam a sua disposição em trabalhar para transformar a sociedade brasileira desde o seu primeiro contato com o lugar. Em sua primeira carta ela comenta

desolada, sobre a situação das pessoas que ela havia visto no Rio de Janeiro: *Na grande cidade do Rio de Janeiro, com mais de 400.000 habitantes, há uma classe de seres humanos que apelam aos nossos mais profundos sentimentos, e clamam por nossa caridade cristã. É uma classe de criancinhas, sem lar ou amigos, que comem, dormem, vivem, e morrem nas ruas; ignorantes de todo o conhecimento com exceção da marginalidade e da miséria, sem que nenhuma pessoa pareça importar-se com suas alma.*(p.21). Ao observar a cidade e a miséria em que viviam as pessoas, inclusive as crianças, ela idealiza uma casa de abrigo para acolher esta classe de seres humanos. Um lugar onde elas poderiam achar amparo, alimentação e principalmente para aprender *as virtudes da verdade, da pureza e da honestidade, e a seguir o caminho da salvação.* (p.22). Este lugar a qual ela se refere poderia ser até mesmo um orfanato ou como ela mesma afirmou: *uma casa de refúgio(...)*onde além do alimento para o corpo, pudessem encontrar o alento para alma.

Esta idéia segundo ela só poderia vir de Deus, aquele que colocou no coração dos missionários e educadores a compaixão por estas vidas e o desejo de resgatá-las. Isso nos sugere a ideologia que acompanhou o protestantismo no Brasil, onde era à vontade de Deus que os povos anglo-saxões fossem os portadores das boas novas de salvação aos povos que viviam nas trevas da ignorância.

O seu texto indica a sua militância desde o primeiro contato com o Brasil. No entanto, não há registros de que esta casa de abrigo tenha sido construída, mesmo porque o seu destino era Piracicaba, região de Santa Bárbara e Americana onde havia uma grande concentração de americanos naquele tempo.

Martha Watts também evidenciou em suas cartas a sua disposição em conhecer melhor o lugar em que ela havia vindo morar, uma mulher com o espírito aberto e curioso. Embora não conhecedora do idioma, socializada em uma cultura totalmente diferente, com hábitos e costumes distintos, não se enclausurou em seu próprio mundo, nem buscou refugio entre os seus iguais, saiu às ruas para conhecer a cidade, as pessoas, sua cultura, seus costumes e seus hábitos.

Suas cartas nos representaram uma mulher curiosa, por isso assistiu as festas religiosas, participou de missas católicas e de procissões. O seu olhar foi o olhar do estrangeiro que veio para o Brasil no século XIX. Uma visão envolvida por uma amplitude de sentimentos, que variavam de indignação à curiosidade, ainda que esta última fosse menos freqüente. De modo geral, podemos considerar que Martha, assim como muitos outros estrangeiros, via na cultura brasileira, o resultado não só de uma espiritualidade primitiva,

cujas responsáveis era a Igreja Católica, como também certa promiscuidade daqueles costumes, considerados por ela tão estranhos e curiosos.

As cartas desta educadora nos deixam também o seu olhar não só curioso, mas observador. Através da observação minuciosa e atenta ela descreve as comidas, o vestuário, a cidade, as pessoas, tudo ao seu redor foi capturado pelo seu olhar, percebido e experimentado pelos seus sentidos. Tanto que experimentou novos gostos, novos cheiros, novas sensações. Seria esta observação uma estratégia?

Considerando que tentamos desvelar o seu olhar e analisar sua representação de Brasil, é possível concluir que sua observação atenta a tudo, foi sim uma estratégia de apreciação, conhecimento e reconhecimento, como uma agente social que está investindo seus interesses e sua bagagem cultural na apreensão da nova realidade na qual ela estava inserida.

Sua observação pode ser vista como uma prática e uma estratégia e suas cartas se tornaram à tradução mental da realidade por ela percebida. Realidade que na sua concepção americana e protestante, deveria ser transformada através do processo de evangelização.

Esta concepção diz respeito a sua formação religiosa, reformada e protestante de caráter racionalista onde a luz que ela propagava para iluminar os brasileiros; era a razão atrelada a uma fé militante e prática. Por isso talvez a sua indignação com os festejos populares, as celebrações católicas que lhes parecia irracional por isso supersticiosa e mantenedora da ignorância.

Neste sentido, sua proposta educacional associada a sua prática missionária, tinha como objetivo livrar as pessoas da irracionalidade símbolo das trevas que de acordo com ela se encontrava o Brasil. Vários são os trechos de suas cartas que apelam para esta luz que os brasileiros deveriam receber dos missionários protestantes, para chegar a status de país civilizado. *Deus garantirá que vivamos na plenitude da sua luz, que eles também receberão de nós!* (p.25)

Este caráter racionalista da religião protestante fazia com que os missionários se mostrassem pouco sensíveis as práticas da religiosidade popular católicas que primavam pela exterioridade, levando-os a qualificá-las como símbolo de irracionalidade e causadora do atraso em que vivia o país.

A concepção de Martha Watts foi fundada na imagem construída por estes estrangeiros do Brasil como um país primitivo, selvagem longe dos ideais de civilização, imagem ligada a sua auto-imagem de países superiores e civilizados. No entanto, estes missionários com suas estratégias bem definidas de hegemonia e transplante cultural não se viram sozinhos neste projeto. Houve sim, uma relação de interdependência com algumas

classes de brasileiros, que cultivavam esta auto-imagem do Brasil como país não civilizado, seduzidos pelos projetos de modernidade em voga na Europa e EUA no final do século XIX.

Assim temos um encontro de interesses, uma troca de favores, onde ninguém fica inocente ou desculpado pela falta de compreensão de uma outra cultura estranha e tão diferente como a do Brasil naquele momento.

Por um lado um grupo de estrangeiros educadores com suas estratégias de ação na teia social do contexto brasileiro e por outro um grupo de liberais e republicanos buscando o estabelecimento das suas idéias na sociedade a fim de transformá-la em moderna e acordada com os países do primeiro mundo.

Martha foi mais uma agente social neste jogo de interesses. A representação que ela demonstrou de Brasil em suas cartas, foi a sua estratégia de estabelecimento e envolvimento com o povo brasileiro para concretizar o grande objetivo que a trouxe nesta aventura num país estranho, de evangelizar o Brasil. Evangelismo que pressupunha o alcance de uma civilização protestante.

O seu envolvimento com o Brasil vai ficando cada vez mais evidente à medida que os anos passam. Ela adotou o Brasil como seu país e lutou incansavelmente para que a Igreja nos Estados Unidos mandassem mais recursos e missionários para ajudá-la na sua tarefa de evangelização. As suas cartas além de informativas eram acima de tudo apelativas demonstrando o seu engajamento com a missão.

Se ela alcançou ou não o seu objetivo é uma avaliação que só pode ser vista num processo de longa duração. Contudo é inegável o impacto da presença americana no Brasil do século XIX, como é inegável a participação das mulheres protestantes em um país marcadamente patriarcal, onde o lugar da mulher estava legado ao espaço do lar e da família. Sem dúvida mulheres estrangeiras, como Martha Watts e tantas outras que abraçaram a docência como um sacerdócio marcou não só a História da Educação, mas também a História das Mulheres no Brasil. Por isso é impossível contar esta História sem citar essas mulheres.

Martha Watts foi uma dessas mulheres que causou curiosidade, estranheza, impacto no meio social em que ela viveu e se não conseguiu transformar o Brasil numa nação protestante como ela sonhara, com certeza contribuiu para inculcar nas mentes e corações de muitas outras mulheres brasileiras a visão de que é possível encontrar outros caminhos, além do papel de mãe e esposa.

O Brasil representado por Martha Watts é acima de tudo o Brasil que ela sonhou transformar, e apesar dos conflitos travados no estabelecimento do seu papel social sua maior

estratégia foi o de adotar esta nação como sua porém, sempre fiel aos seus princípios e ao seu projeto inicial: Evangelizar e civilizar o Brasil através da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que analisar as cartas da Martha Watts, é transportar-se a sociedade do século XIX, dentro de suas relações e tensões, não analisando a pessoa isoladamente, mas ela enquanto parte de um processo de longa duração, um processo de transformação do mundo na qual ela está inserida. Suas cartas demonstram o seu ser mulher, educadora, religiosa, americana, metodista que tem uma representação própria do país que escolheu para evangelizar e civilizar.

Embora nos sentimos tentados a julgá-la a partir da nossa realidade presente, fazer isso, é de certo modo, limitar as possibilidades de interpretação da sua obra e fechar os olhos para a representação de Brasil de uma educadora estrangeira que deixou sua contribuição a História da Educação.

Dentro desta perspectiva tentamos até aqui observar através destas cartas, qual a ação e reação da missionária diante da realidade brasileira. A sua postura nos pareceu sempre de indignação e crítica frente à nova cultura que ela conheceu. No entanto, baseada no seu maior objetivo que era evangelizar o Brasil, ela demonstra amor e cuidado com o povo brasileiro e a preocupação de ajudar a melhorar ainda mais a realidade, sem é claro, deixar os seus princípios. Suas críticas foram sempre fundadas nos seus princípios protestantes e na sua fé.

Martha Watts demonstrou em suas cartas, apesar das críticas, sempre um tom afetuoso em relação ao Brasil. O afeto era recíproco e ela também registra este fato.

Para Martha Watts a Escola deveria ser um lar, um espaço acolhedor e confortável e tanto alunos, quanto professores e funcionários faziam parte de uma grande família. Observamos isso quando comenta sobre o casamento de suas alunas. *Na semana passada eu outra de minhas “filhas” casada (...). Seu marido é um jovem bom e trabalhador, embora não seja pobre. Ele é o segundo de sua família a escolher uma esposa de minha família. Eu sempre compareço aos casamentos, e sou uma das convidadas mais honradas, não só pela família, mas pelos pais de meus outros alunos presentes. Isso me dá grande prazer, asseguro-lhe, pois sei que vem de um sentimento bom para comigo; e isso não porque eu me torne um deles, mas porque preservo meus próprios princípios em seu meio.* (p.88)

É interessante notar a preocupação da missionária em ressaltar o fato de permanecer fiel aos seus princípios não se tornando igual aos brasileiros, e isso é que conferia o respeito e admiração que ela recebia das pessoas. Esse fato pode nos sugerir que apesar do envolvimento

com a sociedade brasileira e do amor que ela dedicou a este país, sempre esteve presente em sua ação a preocupação de não se tornar como um deles, tendo em vista certo distanciamento.

Os resultados da missão no Brasil são apontados por Martha Watts em carta datada em setembro de 1902. Depois de passar uma temporada nos Estados Unidos Martha se diz feliz pela convocação para que ela retornasse à missão no Brasil. Na ocasião do retorno ela chegou a tempo de participar Concílio Anual em Juiz de Fora e sobre isso ela escreve: *Sempre me faz bem ver os pregadores no Concílio, pois isto me faz lembrar do que Deus tem feito por nós desde 1881, quando não havia um metodista brasileiro no país, e agora eles formam uma multidão (...) Nossas escolas continuam firmes.* (p.135)

Essa constatação de Martha a respeito do sucesso do trabalho no Brasil comprova que toda a sua militância e o seu engajamento foram compensados pelos resultados do crescimento não só das escolas, mas da Igreja Metodista no Brasil. Sem dúvida grande parte do mérito está nesta educadora que foi uma pioneira no trabalho educacional metodista no Brasil. É lógico que tal sucesso não se deu por mérito apenas desta educadora, mas de todas as pessoas que junto com ela acreditaram no trabalho e se dedicou para que ele obtivesse êxito.

Consideramos, portanto, que o Brasil de Martha Watts era um país carente, um país idólatra, mantenedor de um sistema patriarcal, com uma educação ineficiente, enfim um campo fértil para a propagação da pregação do Evangelho, a saída para tais problemas. Por isso ela trabalhou para construir o que para ela seria a representação de um país melhor. Um Brasil fundado nos princípios da religião protestante, para isso lutou e trabalhou para melhorá-lo a partir dos seus princípios de vida, baseados antes de tudo numa ética protestante, num Evangelho integral e numa grande coragem de levar adiante o que ela acreditava.

Se ela alcançou o objetivo? Ela mesma apenas constata em algumas cartas os resultados obtidos. *O Colégio Piracicabano não converteu todos os seus alunos, não porque as crianças não pudessem ser convertidas, mas porque os pais disseram “não”; mas ele certamente fez muito pelas meninas daquela cidade* (p.130). Em uma de suas últimas cartas ela ainda afirma que sua obra é apenas um começo: *Eu não sou a favor da abertura de mais escolas, mas certamente temos de cuidar bem das que temos. A causa de educação no Brasil está crescendo e não devemos ficar para trás. Um inspetor escolar falou do Colégio Piracicabano em seu relatório como a “célula-mãe” da instrução no Estado de São Paulo. Agora este bom, começo tem de ser mantido.* (...) (p.152)

Por considerar tal obra apenas um começo, era certo que muito ainda estava por ser feito e o trabalho maior naquele momento era manter o alicerce que já estava fundado. Mesmo que as pessoas não tivessem se convertido à religião protestante, a educação

ministrada pelos colégios metodistas muito contribuiu para a História da Educação e acima de tudo para a história de vida de muitas pessoas que por ali passaram.

Como foi apontado no decorrer do texto o objetivo primordial da abertura das escolas metodistas era a educação da mulher, e por isso os colégios eram liderados basicamente por mulheres educadoras. É de se admirar o fato de que nos dias de hoje as instituições de ensino, assim como toda a estrutura da Igreja Metodista seja liderada em sua maioria por homens. Ao perceber esta realidade será que é possível dizer que Martha não alcançou o seu objetivo? ou que os propósitos nobres da educação metodista tenha se perdido nas estruturas de uma sociedade que apesar de modernizada continua conservando pilares do patriarcalismo?

São suspeitas para se pensar em outro momento, por hora nos debruçamos em analisar, como uma educadora estrangeira se relacionou com a sociedade brasileira do século XIX e produziu sua representação de Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

AZEVEDO, F. *A Cultura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

BANDEIRA, M. *Presença dos Estados Unidos no Brasil: Dois séculos de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BARBANTI, M. L. S. H. *Escolas Americanas de Confissão Protestante na Província de São Paulo: um estudo de suas origens*. São Paulo: 1977. (Texto não publicado)

BOAVENTURA, E. *A Educação Metodista no Brasil*. Edição do Autor, 2005.

BOURDIEU, P. *A Economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1982.

BURKER, A. *Escola dos annales –1929-1989: A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CARVALHO, J.M.de. *A Formação das Almas: O imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CHARTIER, R. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1988.

DUBY, G. *História das mulheres no Ocidente. – O Século XIX*. Porto: Ed. Afrontamento, v.04, 1991.

ELIAS, N. *A Sociedade de Corte*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

_____. *O Processo Civilizador. Formação do Estado e civilização.* Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. *O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes.* Trad. Ruy Jungmann. 2ª. ed.. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FREYRE, G. *Sobrados e Mucambos – Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano.* Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1968.

GITANA, R. *A proposta educacional metodista no Brasil.* IN. *Comunicações*, ano 5, nº2. UNIMEP, 1998.

GOMBRICH, E.H. *Para uma História Cultural.* Lisboa: Gradiva, 1994.

HOLANDA, S. B. *O Brasil Monárquico – Declínio e Queda do Império.* São Paulo: DFL, 1971.

KENNEDY, J. L. *Cincoenta anos de Methodismo no Brasil.* São Paulo: Imprensa Metodista, 1928.

KIDDER, D. P. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil: Rio de Janeiro e Províncias do Norte.* São Paulo: Martius, 1972. (Biblioteca História Brasileira)

LEONARD, É., *O Protestantismo brasileiro.* São Paulo: ASTE, 1952.

LIMA, L de O. *Estórias da Educação no Brasil.* Brasília: Editora Brasília, 1974.

LISBOA, K.M. *Olhares estrangeiros sobre o Brasil do século XIX*. In: MOTA, C.G (org) *Viagem incompleta*. São Paulo: Editora Senac, 2000.

MENDONÇA, A.G. *O celeste porvir: A inserção do protestantismo no Brasil*. São Bernardo do Campo: IMS, 1995.

MESQUIDA, P. *Hegemonia norte americana e educação protestante no Brasil*. Juiz de Fora: UFRJ, 1994.

MESQUITA, Z. *Evangelizar e Civilizar – Cartas de Martha Watts, 1881-1908*. Piracicaba: UNIMEP, 2001.

_____ *Educação Metodista: Uma questão não resolvida*. Dissertação de Mestrado, UNIMEP, 1992.

_____ *Educadoras metodistas no século XIX: uma abordagem do ponto de vista da História da Educação e Martha Watts: uma educadora na belle époque tropical*. In: Revista de Educação do Cogeime. Ano II, nº 20, junho de 2002. pp.93-105.

_____ *Metodismo e Educação no Brasil no contexto dos anos vinte*. In: Revista de Educação do Gogeime. Ano III, nº3, 1994. pp.25-35.

MORAES FILHO, Mello. *Festas e Tradições populares do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

NEEDELL, J.D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NOVAIS, F. *História da vida privada no Brasil 2 – Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NOVAES, C.S. *Jogos de Espelhos: Imagens de representação de si através dos outros*. São Paulo: Edusp, 1993.

PILLETTI, N. *História da Educação no Brasil*. São Paulo: Ática, 1994.

PRIORE, M.D. (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

RAMALHO, J.E. *Prática Educativa e sociedade: um estudo de sociologia da educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

RIBEIRO, B. *Protestantismo no Brasil Monárquico – 182-1888: Aspectos culturais da aceitação do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1973.

RIBEIRO, M.L.S. *História da educação brasileira: organização escolar*. São Paulo: Moraes, 1981.

REILY, D.A. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1984.

_____. *Metodismo Brasileiro e Wesleyano*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1981.

ROMANELLI, O.O. *História da educação no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1998.

SCHELBAUER. *Idéias que não se realizam – O debate sobre a educação do povo no Brasil*. Maringá: EDUEM, 1998.

TODOROV, T. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VIEIRA, D.G. *O Protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora UNB, 1980.

VVAA. *Americans: Imigrantes do Velho Sul no Brasil*. Piracicaba: UNIMEP, 2005.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

XAVIER, M. E. *História da Educação – A Escola no Brasil*. São Paulo, FTD. 1994.